

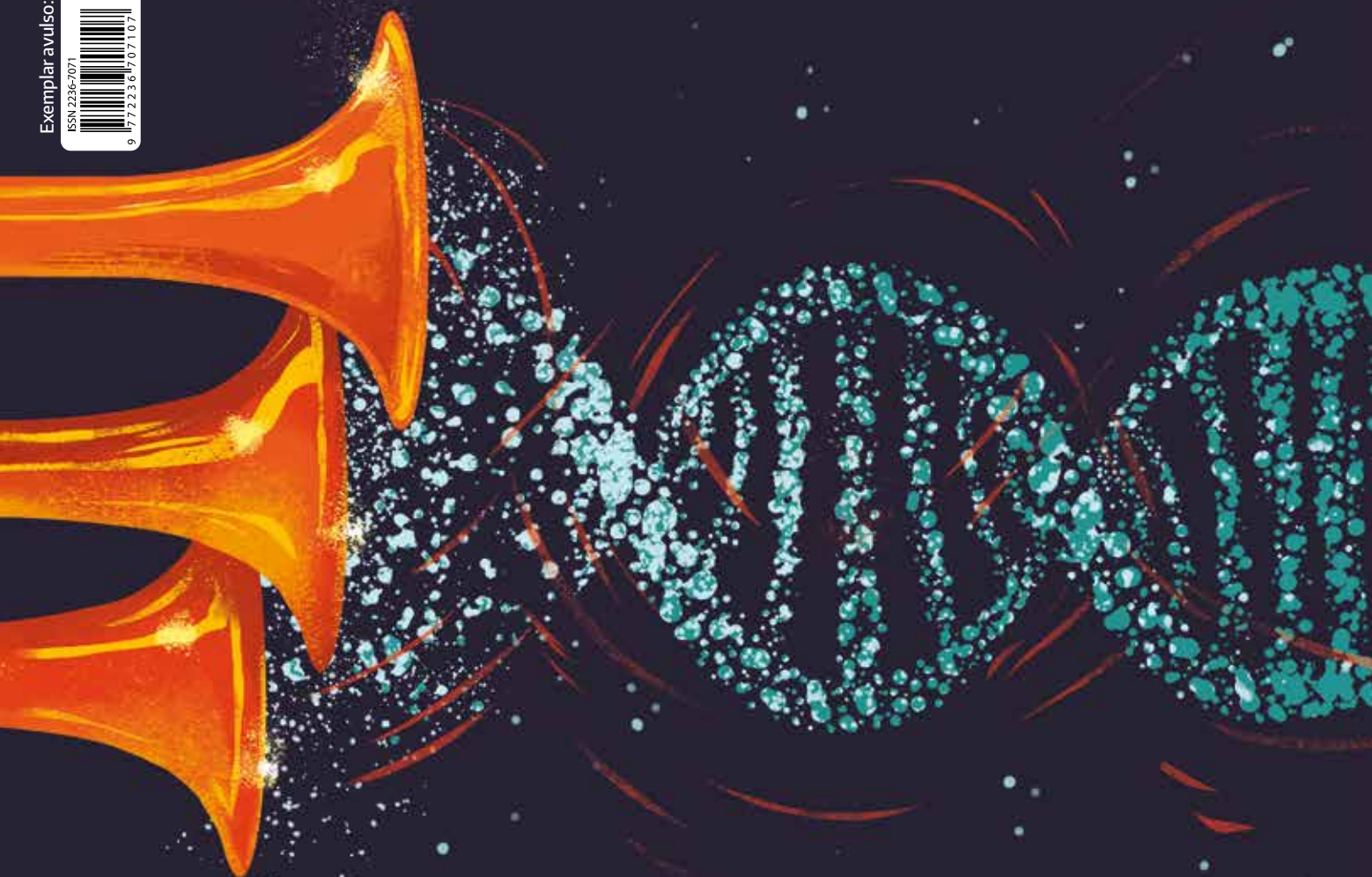
Ministério

NOV-DEZ • 2021

Uma revista para pastores e líderes de igreja



Exemplar avulso: R\$ 17,13



A GENÉTICA DA IGREJA

As três mensagens angélicas e a identidade adventista

Sola Scriptura: princípio bíblico ou justificativa protestante? + Como estabelecer um projeto de resgate dos afastados
Homens e mulheres na liderança da igreja local + Davi e Goliás visto sob um olhar cristocêntrico

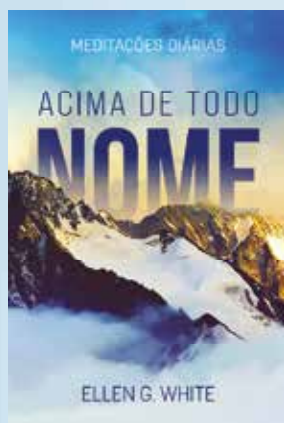
DESDE O NASCER AO PÔR DO SOL

DESENVOLVA SUA COMUNHÃO DIÁRIA COM DEUS



MEDITAÇÕES DIÁRIAS

Em 2022, você terá a oportunidade de conhecer melhor o "Carregador de Fardos", "Grande Artista Mestre", "Maior de Todos os Missionários", "Amigo dos Desamparados", "Poderoso Médico da Alma", "Grande Remédio Contra o Pecado", "Centro de Toda Verdadeira Doutrina" e outros 358 dos mais de 800 títulos atribuídos a Jesus.



MEDITAÇÃO JOVEM

Não importa quais sejam suas marcas, Deus pode transformá-las em canais de bênçãos. Essa é a mensagem central de *Marcas*, a Meditação Jovem de 2022. Sim, Deus pode fazer de nossas piores cicatrizes instrumentos de salvação. As mãos marcadas de Cristo são uma prova disso.

MEDITAÇÃO DA MULHER

Respiração da Alma apresenta as experiências de mulheres que, ao longo dos anos, têm aprendido a depender de Deus e recebido as bênçãos da decisão de viver dessa forma. Pare, reflita, respire e prossiga com a certeza de que sua alma está sendo reabastecida diariamente com o oxigênio divino enviado pelo Mantenedor da vida.

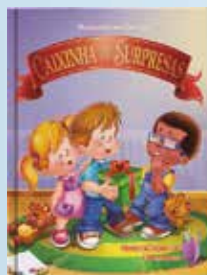


DEVOCIONAL TEEN

Se você deseja conhecer melhor o nosso grande Criador-Cientista, não pode perder este devocional. Com ele, você descobrirá experiências científicas espetaculares, conhecerá personagens célebres da história da ciência e participará, pela fé, da obra de transformação de sua própria vida.

DEVOCIONAL INFANTIL

O devocional *Caixinha de Surpresas* foi escrito pensando nas crianças que gostam de ouvir histórias todos os dias. Aqui você fará grandes descobertas. Uma das mais importantes é que Deus ama muito você e criou um mundo cheio de coisas legais para a sua felicidade. Neste livro, você verá que a amizade com Jesus torna a vida mais colorida, bonita e cheia de emoção. Cada dia, você encontrará uma história diferente, que o ajudará a descobrir o prazer de começar o dia pertinho de Deus.



cpb.com.br • 0800-9790606

CPB livraria • (15) 98100-5073

Pessoa jurídica/distribuidor (15) 3205-8910
atendimento@cpb.com.br



Baixe o Aplicativo CPB



f i t y /cpbeditora



10



20

- 5 Editorial
- 7 Entrelinhas
- 8 Entrevista
- 27 Ponto a ponto
- 32 Dicas de leitura
- 35 Palavra final



24

10 **As três mensagens angélicas**
Mark Finley
Mensagens antiquadas ou verdade presente relevante?

14 **Três anjos, um evangelho**
Ángel Manuel Rodríguez
Uma interpretação cristológica de Apocalipse 14:6 a 12

17 **Sola Scriptura**
Cristhian Alvarez Zaldúa
Princípio bíblico ou justificativa protestante?

20 **Lado a lado**
Jiří Moskala
A participação de homens e mulheres na liderança da igreja local

24 **Ministério da restauração**
Abdoval Cavalcanti
Como estabelecer um projeto contínuo de resgate dos afastados

28 **A vitória do Ungido**
Clacir Virmes Junior
O relato de Davi e Golias visto sob um olhar cristocêntrico

Ministério

Uma publicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia

Ano 93 – Número 558 – Nov/Dez 2021
Periódico Bimestral – ISSN 2236-7071

Editor Wellington Barbosa
Editor Associado Nerivan Silva
Revisoras Josiéli Nóbrega; Rose Santos

Projeto Gráfico Levi Gruber
Capa Thiago Lobo

Ministério na Internet
www.revistaministerio.com.br
www.facebook.com/revistaministerio
Twitter: @MinisterioBRA
Redação: ministerio@cpb.com.br

Conselho Editorial

Lucas Alves; Josué Espinoza; Adolfo Suarez; Marcos Blanco; Walter Steger; Pavel Goia; Jeffrey Brown; Abdoval Cavalcanti; Abimael Obando; Adrián Bentacor; Alberto Peña; Álvaro Cáceres; Antonio Funes; Carlos Sánchez; Davi França; Edilson Valiante; Edmundo Cevallos; Elieser Ramos; ; Everon Donato; Geraldo M. Tostes; Levino Oliveira; Ralides Nascimento; Rubén Montero

CASA PUBLICADORA BRASILEIRA



Editora da Igreja Adventista do Sétimo Dia
Rodovia SP 127 – km 106
Caixa Postal 34 – 18270-970 – Tatuá, SP

Diretor-Geral José Carlos de Lima
Diretor Financeiro Uilson Garcia
Redator-Chefe Marcos De Benedicto
Chefe de Arte Marcelo de Souza

SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO CLIENTE

Ligue Grátis: 0800 979 06 06
Segunda a quinta, das 8h às 20h
Sexta, das 7h30 às 15h45
Domingo, das 8h30 às 14h
Site: www.cpb.com.br
E-mail: sac@cpb.com.br

Assinatura: R\$ 83,30
Exemplar Avulso: R\$ 17,13



Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial, por quaisquer meios, sejam impressos, eletrônicos, fotográficos ou sonoros, entre outros, *sem prévia autorização por escrito* da editora.

Contribua para a **Ministério**

A revista *Ministério* é um periódico internacional editado e publicado bimestralmente pela Casa Publicadora Brasileira, sob supervisão da Associação Ministerial da Divisão Sul-Americana da Igreja Adventista do Sétimo Dia. A publicação é dirigida a pastores e líderes cristãos.



Orientações aos escritores

Procuramos contribuições que representem a diversidade ministerial da América do Sul. Diante da variedade de nosso público, utilize palavras, ilustrações e conceitos que possam ser compreendidos de maneira ampla.

A *Ministério* é uma revista *peer-review*. Isso significa que os manuscritos, além de serem avaliados pelos editores, poderão ser encaminhados a outros especialistas sobre o tema que seu artigo aborda.

Áreas de interesse

- Crescimento espiritual do ministro.
- Necessidades pessoais do ministro.
- Ministério em equipe (pastor-esposa) e relacionamentos.
- Necessidades da família pastoral.
- Habilidades e necessidades pastorais, como administração do tempo, pregação, evangelismo, crescimento de igreja, treinamento de voluntários, aconselhamento, resolução de conflitos,

- educação contínua, administração da igreja, cuidado dos membros e assuntos relacionados.
- Estudos teológicos que exploram temas sob uma perspectiva bíblica, histórica ou sistemática.
- Liturgia e temas relacionados, como música, liderança do culto e planejamento.
- Assuntos atuais relevantes para a igreja.

Tamanho

- Seções de uma página: até 4 mil caracteres com espaço.
- Artigos de duas páginas: até 7,5 mil caracteres com espaço.

- Artigos de três páginas: até 11,5 mil caracteres com espaço.
- Artigos solicitados pela revista poderão ter mais páginas, de acordo com a orientação dos editores.

Estilo e apresentação

- Certifique-se de que seu artigo se concentra no assunto. Escreva de maneira que o texto possa ser facilmente lido e entendido, à medida que avança para a conclusão.
- Identifique a versão da Bíblia que você usa e inclua essa informação no texto. De forma geral, recomendamos a versão Nova Almeida Atualizada.
- Ao fazer citações bibliográficas, insira notas de fim de texto (não notas de rodapé) com referência completa. Use algarismos arábicos (1, 2, 3).

- Utilize a fonte Arial, tamanho 12, espaço 1,5, justificado.
- Informe no cabeçalho: Área do conhecimento teológico (Teologia, Ética, Exegese, etc.), título do artigo, nome completo, graduação e atividade atual.
- Envie seu texto para: ministerio@cpb.com.br. Não se esqueça de mandar uma foto de perfil em alta resolução para identificação na matéria.

DNA ADVENTISTA

Em 19 de março de 1953, Francis Crick escreveu uma carta para seu filho de 12 anos, informando algo surpreendente: “Querido Michael”, começou, “Jim Watson e eu provavelmente fizemos uma descoberta muito importante.”

De maneira didática, Crick explicou ao garoto a estrutura molecular do DNA e apresentou as bases nitrogenadas que o constituem: adenina, guanina, citosina e timina. Na conclusão, o cientista escreveu: “Acreditamos ter encontrado o mecanismo básico de cópia de que a vida procede da vida. [...] Imagine o quanto estamos emocionados.”

De fato, as descobertas de Crick e Watson renderam à dupla o Prêmio Nobel em Fisiologia e Medicina em 1962, compartilhado também com Maurice Wilkins, e revolucionaram a ciência. Compreender melhor nosso repositório de informação genética tem ajudado a aprofundar o entendimento acerca da complexidade do corpo humano, desenvolver tratamentos mais efetivos contra doenças que, até então, eram consideradas incuráveis e criar produtos que promovem a melhoria da qualidade de vida.

Fazendo uma analogia para o campo teológico, qual seria o DNA da Igreja Adventista do Sétimo Dia? Ao longo do tempo, Apocalipse 14:6 a 12 tem sido o texto-chave que responde a essa pergunta. Desde seus primórdios, esses versos têm ajudado o movimento adventista a compreender sua importância, singularidade e propósito. Neles é possível encontrar ao menos quatro elementos fundamentais para o entendimento de nossa identidade denominacional.

Histórico. Os pioneiros adventistas reconheceram que a pregação das três mensagens angélicas começou de modo sequencial no contexto do movimento milerita. Ellen White escreveu: “A primeira e a segunda mensagens foram dadas em 1843 e 1844, e estamos agora sob a proclamação da terceira” (*Cristo Triunfante*, p. 338). Esse marco temporal, relacionado com a dimensão terrestre do cumprimento da profecia de Daniel 8, situa a Igreja Adventista no fluxo da história do povo de Deus e confere legitimidade à sua proposta de restauração da verdade.

Apocalipse 14:6 a 12 tem ajudado o movimento adventista a compreender sua importância, singularidade e propósito.

Doutrinário. Apocalipse 14 é um capítulo rico em referências às doutrinas bíblicas. Por exemplo, Alberto R. Timm destaca que, na década de 1970, Roy A. Anderson identificou 30 ensinamentos adventistas nessa porção das Escrituras (*O Santuário e as Três Mensagens Angélicas* [Unaspress, 2002], p. 270). Além de Anderson, outros estudiosos viram nesse texto referências a crenças fundamentais como Trindade, salvação, criação, lei, sábado, juízo, entre outras.

Missionário. O desafio de pregar a “a cada nação, tribo, língua e povo” a mensagem do evangelho eterno, anunciar a hora do juízo, a queda de Babilônia e o último alerta divino relacionado à condenação final tem sido um importante elemento motivador para que os adventistas sejam ousados em estabelecer diferentes estratégias para alcançar a todo o mundo. Isso fica evidente na declaração de missão denominacional, que cita Apocalipse 14:6 a 12 e o identifica como o contexto em que a atividade da igreja deve ser realizada.

Escatológico. A tríplice mensagem angélica anunciada desde os anos 1840 em breve atingirá seu clímax. “No espírito e poder de Elias”, a voz profética do remanescente escatológico não ecoará despercebida. Fazendo a obra de João Batista, preparará o caminho para a iminente vinda do Senhor. Sua proclamação abarcante, potencializada pelo Espírito de Deus, suscitará oposição e resultará na batalha final.

Os elementos histórico, doutrinário, missionário e escatológico que envolvem as três mensagens angélicas ajudam a compor a identidade do povo que guarda os “mandamentos de Deus e a fé em Jesus”. Assim como a compreensão progressiva sobre os mistérios do DNA promoveu uma revolução científica, o conhecimento mais amplo de Apocalipse 14:6 a 12 deveria nos levar a uma revolução espiritual, gerando compromisso mais profundo com o Deus a quem servimos e a missão que Ele nos designou. **M**

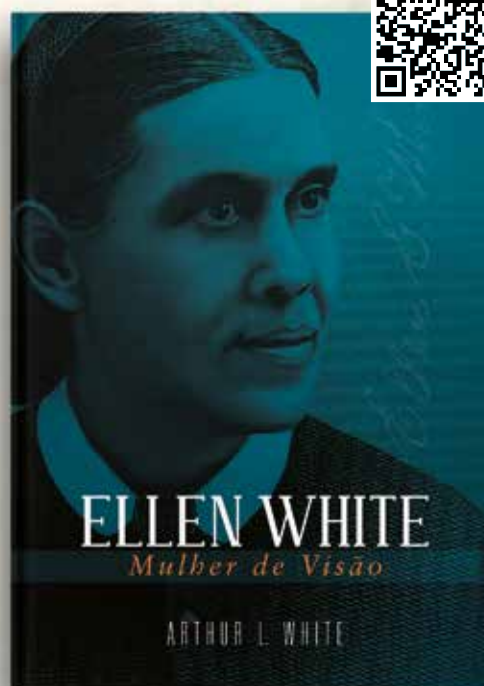


WELLINGTON BARBOSA
editor da revista
Ministério

Você tem dúvidas sobre o ministério de Ellen G. White?



Dividida em 20 capítulos, esta obra oferece estudos bíblicos e históricos abrangentes sobre o dom de profecia. Você compreenderá como esse tema foi abordado no Antigo e no Novo Testamento, na literatura do Oriente Médio, pelos cristãos, na Idade Média, pela Reforma Protestante, entre outras perspectivas.



Este livro é a biografia mais detalhada de Ellen White em português. Em cada uma das mais de 500 páginas, visualize aspectos interessantes e reveladores da personalidade da mensageira do Senhor.

cpb.com.br • 0800-9790606
CPB livraria • (15) 98100-5073
Pessoa jurídica/distribuidor (15) 3205-8910
atendimentolivrarias@cpb.com.br



Baixe o Aplicativo CPB



f i t y /cpbeditora

PRIORIDADE

No sermão escatológico de Mateus 24, Jesus apresentou o panorama anterior à Sua segunda vinda. Os sinais descritos incluem convulsão religiosa e política, guerras e desastres naturais.

Uma pintura impressionante de cores vivas e dramáticas dá vida ao momento histórico da gloriosa vinda do Salvador. Os eventos estão além do controle humano, seu fluxo é inevitável e o desfecho, iminente.

Após descrevê-los, Jesus declarou: “E será pregado este evangelho do Reino por todo o mundo, para testemunho a todas as nações” (Mt 24:14). Assim, no relato emerge um sinal diferente dos outros.

A participação dos discípulos é decisiva para o cumprimento desse sinal. A grande comissão deve ser cumprida, o evangelho deve alcançar o mundo inteiro em palavra e exemplo. Todos os habitantes da Terra devem tomar uma decisão de implicações eternas no tempo do fim (Ap 14:6-12).

Em João 4 encontramos um relato que destaca a relevância e urgência para o cumprimento da missão. Cristo estava totalmente envolvido na obra de salvar. No meio do turbilhão de atividades missionárias, Ele deixou a zona de conforto e seguiu para o norte, para a Judeia, porque “era-lhe necessário passar pela região da Samaria” (Jo 4:4). Esse imperativo missionário levou Jesus a um território considerado adverso, mas carente da mensagem de salvação. Depois de encontrar a mulher no poço de Jacó, Seus discípulos voltaram com provisões para o almoço. No entanto, Cristo os surpreendeu com lições espirituais de grande valor missionário.

A *missão* é definida como o elemento mais importante que uma pessoa ou organização realiza, pois dá direção e propósito. Sem ela, a igreja poderia ser muitas coisas, mas não seria a agência de salvação para este tempo. Portanto, o foco dos esforços, recursos e estratégias deve estar voltado para a missão.

O compromisso pessoal e comunitário dos discípulos com a missão é decisivo para o sucesso.

Jesus ilustrou essa importante questão ao declarar: “A Minha comida consiste em fazer a vontade Daquele que Me enviou e realizar a Sua obra” (Jo 4:34). Com essa afirmação, Cristo enfatizou o que era mais importante para Ele. Além disso, demonstrou Sua motivação interna e paixão pela missão, adiando necessidades pessoais urgentes.

Por sua vez, a *visão* é o sonho ou a aspiração de uma pessoa ou a organização em relação à missão. Sem visão, a missão perde o horizonte e pode se transformar em um presente sem futuro. Jesus tinha grandes aspirações relacionadas à missão, por isso declarou: “Levantem os olhos e vejam os campos, pois estão maduros para a colheita” (Jo 4:35). Aqui a visão é um olhar de fé, é acreditar que o poder de Deus fará as coisas acontecerem além da lógica e das possibilidades humanas. Esse olhar abre as portas para o sobrenatural, para os milagres em torno da missão.

Jesus também reservou tempo para Se referir a um *princípio estratégico* essencial no cumprimento da missão (Jo 4:36-38). A missão não é tarefa de uma pessoa. O compromisso pessoal e comunitário dos discípulos com esse dever moral é decisivo para o sucesso. A atitude e estratégia certa trarão resultados multiplicados. Além disso, produzirá satisfação para aqueles que, com a atitude de Cristo, se dedicam à obra mais importante e urgente da vida. Isso nos lembra da centralidade e prioridade da missão no tempo do fim. Essa centralidade deve ir além do nosso ministério e ser acompanhada por um olhar de fé que nos leve a uma ação comprometida de todo o corpo. Isso nos permitirá ver o poder de Deus em nossa vida e trará satisfação duradoura ao nosso ministério. **M**



JOSUÉ ESPINOZA

secretário ministerial
associado para a Igreja

Adventista na América do Sul

FOCO NA MISSÃO



A proximidade da vinda de Cristo implica um ambiente cada vez mais desafiador para o exercício do ministério pastoral. Nesta entrevista, o pastor **Stanley Arco**, presidente da Igreja Adventista para a América do Sul, responde a perguntas feitas por pastores distritais a respeito de como enfrentar os desafios e manter o foco no exercício das atividades pastorais.

Nomeado em abril deste ano para ser o presidente da Divisão Sul-Americana, o pastor Stanley Arco tem uma vasta experiência ministerial. Foi pastor distrital, líder do Ministério Jovem, secretário de Associação, presidente de União e vice-presidente da DSA. Além da diversidade de funções, ele também trabalhou em diferentes regiões do Brasil e desempenhou seu ministério na Bolívia e no Chile. Casado com a professora Regiane Arco, são pais de três filhas e avós de dois netos.

O compromisso de ver a igreja buscando a comunhão e envolvida na missão é uma necessidade diária.

Como descreveria sua visão para os próximos anos na Divisão Sul-Americana?

O que esperamos, nestes tempos desafiadores em que as crenças bíblicas estão sendo questionadas, é uma igreja com a identidade adventista consolidada e o foco claro no cumprimento da missão. Queremos que todas as pessoas, de todas as faixas etárias, com todos os seus diferentes dons, estejam comprometidas com o propósito de proclamar o evangelho eterno em todas as partes dos oito países que compõem nossa Divisão.

Quais são os principais desafios para o cumprimento da missão em nosso território? O que os pastores podem fazer para superar esses desafios?

O principal desafio é espiritual. Precisamos, tanto pastores quanto membros, receber diariamente o batismo do Espírito Santo. O compromisso de ver a igreja buscando a comunhão e envolvida na missão é uma necessidade diária. Os pastores exercem papel fundamental ao inspirar, treinar, delegar e engajar a igreja espiritualmente. Precisamos de pastores reavivados espiritualmente para terminar a obra, não somente para melhorar estatísticas. O papel do ministério vai muito além de preparar e apresentar sermões, mas visa ao fortalecimento espiritual do rebanho e desafiá-lo a um compromisso mais profundo com Cristo e a missão.

Inovação, criatividade, empenho, ética e dependência de Deus são imprescindíveis para o ministério. Os pastores não devem carregar a igreja sozinhos, mas precisam depender de Deus e envolver os membros em todas as frentes de trabalho.

Em um mundo cada dia mais focado no profissionalismo, como garantir que o ministério pastoral não perca o sagrado senso de sua vocação?

É necessário que cada pastor tenha um pastor que o pastoreie, discipule e acompanhe. Precisamos de pastores profundamente conectados com Deus e Sua Palavra, e com a plena certeza de seu chamado. Pastores cuja dedicação se reflita em ações concretas e efetivas no cotidiano. Para que isso ocorra, é essencial desenvolver o conceito de um ministério discipulador. Assim, temos uma equilibrada relação entre vida devocional consistente e prática pastoral produtiva.

Para fortalecer o ministério, promovemos capacitações, concílios, pequenos grupos pastorais e estratégias de educação continuada cada vez mais focados em ajudar os pastores a nutrir sua espiritualidade e aperfeiçoá-los para cumprir a missão. Nos últimos anos, ouvindo todas as instâncias da igreja, desenvolvemos as *Competências Ministeriais*, que têm como objetivo oferecer um perfil pastoral para distritais, administradores, departamentais, pastores da área educacional e professores de Teologia. As competências servem para auxiliar o desenvolvimento integral do pastor, de maneira que ele “cumpra plenamente o seu ministério”, conforme ensina 2 Timóteo 4:5.

As redes sociais se tornaram um campo fértil para alguns críticos da igreja. Quais são suas sugestões para lidar com essa realidade na congregação local?

Sempre teremos críticas entre nós, portanto, avalie-as e, com oração, faça as mudanças necessárias para diminuir ao máximo os ruídos. Aplique Mateus 18 em cada procedimento. Tenha um ministério consistente e trabalhe arduamente em favor do seu rebanho. Comunique com transparência as ações da igreja. Prepare os líderes com o “assim diz o Senhor” e a prática espiritual.

Nas redes sociais, devemos nos portar com amor, cautela e sabedoria. Que nossos perfis nas mídias sociais


Precisamos de pastores profundamente conectados com Deus e Sua Palavra, e com a plena certeza de seu chamado. Pastores cuja dedicação se reflita em ações concretas e efetivas no cotidiano.

servem para ensinar princípios bíblicos, edificar a igreja e reafirmar nossa identidade adventista. Portanto, é preciso ser equilibrado e estar atento às observações que indiquem a necessidade de ajustes, além de desenvolver a capacidade de dialogar que atenda a necessidade da igreja no momento oportuno.

O que fazer para promover o engajamento das novas gerações no cumprimento da missão?

Acredito que três ações são necessárias: integrar, cuidar e desafiar. Integrar crianças, adolescentes e jovens aos adultos no plano da igreja. Cada grupo tem diferentes necessidades, formas de interpretar o mundo e desafios próprios de sua idade e maturidade. Adultos maduros espiritualmente devem ser o modelo para nossas novas gerações.


Cuidar para que os planos e estratégias estejam focalizados no desenvolvimento espiritual e alicerçados na Bíblia e nos escritos de Ellen White. Para que isso ocorra, é preciso ouvir com atenção as ideias e percepções das novas gerações. Além disso, precisamos ter programas relevantes, não meras distrações.

Finalmente, devemos desafiar as novas gerações a assumir o compromisso com a igreja e a missão, sendo acompanhados por membros mais experientes. Isso significa, entre outras coisas, delegar-lhes responsabilidades e funções na liderança, dar-lhes a oportunidade de testemunhar e ministrar estudos bíblicos, deixá-los falar ao coração de outros jovens e permitir-lhes desenvolver estratégias missionárias no ambiente virtual. 



AS TRÊS MENSAGENS ANGÉLICAS

Mark Finley



Mensagens antiquadas ou verdade presente relevante?

Na década de 1840, revoluções sociais, políticas, científicas e religiosas começaram a mudar o mundo. Charles Darwin escreveu o rascunho de *A Origem das Espécies* em 1842, mas hesitou em publicar suas ideias. Em 1859, porém, seus pensamentos haviam se desenvolvido o suficiente para que ele se dispusesse a revelá-los. Discutindo a influência da obra, um escritor preeminente disse: “O livro de Darwin *A Origem das Espécies*, publicado em 1859, continua sendo um dos textos científicos mais influentes e comentados da história. Ele apresentou a teoria de que as populações evoluem ao longo das gerações por meio de um processo de seleção natural, uma teoria que se tornou a espinha dorsal da biologia moderna.”¹¹

O impacto do pensamento evolucionário na ciência, filosofia, psicologia e religião é incalculável. Se formos apenas produtos do acaso e nada mais do que uma coleção de genes e cromossomos, a vida terá pouco significado. A busca imprudente da felicidade pessoal torna-se nosso objetivo final. A vida tem pouco ou nenhum significado se os seres humanos forem simplesmente moléculas de proteínas aumentadas.

Simultaneamente, com o desenvolvimento do pensamento evolucionista, Karl Marx e Friedrich Engels abalaram o mundo com *O Manifesto Comunista*, publicado pela primeira vez em Londres, e depois traduzido para vários idiomas. O socialismo extremo, combinado com a declaração frequentemente citada de Marx de que “a religião é o ópio do povo”, somado à centralização do poder para um seletivo grupo que considerava os trabalhadores, ou o proletariado, nada mais do que blocos de construção na parede do Estado, levou ainda mais à desumanização dos seres humanos. Esses movimentos sociais, políticos, científicos e ideológicos colocavam uma estimativa extremamente baixa de toda a vida humana, descartando o conceito de um Deus pessoal como o Criador do Universo.

Os fiéis do tempo do fim passarão pelo maior tempo de angústia da história do mundo. Contudo, por meio da graça e do poder de Jesus, eles sairão vitoriosos.

Propósito duradouro

O Senhor, porém, não permitiria que os seres humanos permanecessem sem um testemunho Dele. Foi também na década de 1840 que Ele levantou um movimento para proclamar Sua mensagem para os últimos dias a um mundo que ansiava por descobrir significado e propósito. Um grupo de cristãos de várias origens religiosas começou a estudar as antigas profecias de Daniel e Apocalipse. Com o tempo, eles descobriram uma mensagem feita sob medida, algo capaz de responder às grandes questões da geração do tempo do fim. O cerne dessa mensagem encontra-se em Apocalipse 14:6 a 12. Em uma visão, Jesus visitou João na ilha de Patmos para revelá-la ao mundo.

As três mensagens angélicas que aparecem em Apocalipse 14 nos elevam da estreiteza dos limites claustrofóbicos de nossa própria importância para nos concentrar em um propósito duradouro para a existência. Elas nos dão uma razão ampla de nosso ser. Bem entendidas, falam sobre questões morais e espirituais importantes do século 21.

Apocalipse 14 se divide em três partes. Os primeiros cinco versos descrevem o povo redimido de Deus, visto muito acima das provações da Terra e com Jesus para sempre no Céu. Os últimos oito versos descrevem a segunda vinda de Cristo

e a colheita final. Apocalipse 14:6 a 12, estrategicamente colocado entre os dois eventos, contém a instrução final de Deus para preparar os moradores da Terra para o retorno do Senhor.

Evangelho eterno

Com esse contexto em mente, estamos prontos para considerar Apocalipse 14:6 a 12. O primeiro aspecto que notamos no verso 6 é sua origem celestial. É uma orientação urgente de significado eterno para a geração do tempo do fim. João declara: “Vi outro anjo voando pelo meio do céu, tendo um evangelho eterno para pregar aos que habitam na terra, e a cada nação, tribo, língua e povo.”

O evangelho é as “boas-novas” de que Jesus nos livra da penalidade do pecado. Pela fé em Sua morte e ressurreição, somos libertos da culpa e das garras do pecado. Embora às vezes nós falhemos, não mais estamos sob o domínio do pecado. Seu domínio sobre nós foi quebrado. O plano de Cristo para nos libertar do poder do pecado não foi uma decisão tardia. O apóstolo Pedro escreveu: “Sabendo que não foi mediante coisas perecíveis, como prata ou ouro, que vocês foram resgatados da vida inútil que seus pais lhes legaram, mas pelo precioso sangue de Cristo, como de um cordeiro sem defeito e sem mácula. Ele foi conhecido antes da fundação do mundo, mas foi manifestado nestes últimos tempos, em favor de vocês” (1Pe 1:18-20). Sobre esse ponto, Ellen White comentou: “O plano de nossa redenção não foi um pensamento posterior, formulado depois da queda de Adão. Ele foi ‘a revelação do mistério guardado em silêncio nos tempos eternos’ (Rm 16:25).”¹²

O evangelho eterno, as boas-novas da redenção, é baseado na benevolência de Deus, na graça sem limites, na sabedoria infinita e na justiça eterna. O evangelho fala de Sua verdadeira natureza. É o cerne de Sua mensagem ao mundo no tempo do fim.

Missão divina

A próxima sentença no verso 6 relata que o anjo tem o “evangelho eterno” para proclamar a “cada nação, tribo, língua e povo”. Aqui está uma missão tão grande e desafiadora, que exige tudo de nós. As três mensagens angélicas nos dão o propósito de viver por algo maior do que nós. Elas nos conduzem da estreiteza de nosso coração egoísta para a alegria do serviço no reino eterno de Deus.

Estilo de vida

Considere a expressão: “Temei a Deus e dai-Lhe glória” (ARA). A palavra grega para “temor” no verso 7 é *phobeo*. Nesse contexto, ela é usada não no sentido de ter medo de Deus, mas de uma atitude de reverência, temor e respeito. Acima de tudo, busca transmitir o pensamento de lealdade absoluta ao Senhor e total entrega à Sua vontade.

Esse temor é centrado em Deus em vez de egocêntrico, o oposto da atitude de orgulho e arrogância de Lúcifer, conforme descrita em Isaías 14:12 a 14. A essência do grande conflito gira em torno da submissão a Deus. O egocêntrico Lúcifer recusou-se a ceder a qualquer autoridade, exceto a sua.

A mensagem do primeiro anjo nos convida a fazer de Deus o foco da nossa vida. Em uma era de materialismo e consumismo, quando os valores seculares fazem do eu o centro, o apelo do Céu é que abandonemos a tirania do egocentrismo para colocar Deus no centro da vida.

Santificação

Temer a Deus revela nossas atitudes; dar-Lhe glória, nossas ações. Portanto, temer a Deus está relacionado com o que pensamos, enquanto dar-Lhe glória envolve o que fazemos. Além disso, temer a Deus trata do compromisso interno de torná-Lo o centro de nossa vida; por sua vez, dar-Lhe glória revela como nossas convicções se traduzem em um estilo de vida que honra o Senhor em tudo o que fazemos.

O apóstolo Paulo explicou o que significa dar glória a Deus: “Portanto, se vocês comem, ou bebem ou fazem qualquer outra coisa, façam tudo para a glória de Deus” (1Co 10:31). Quando Deus é o centro de nossa vida, nosso único desejo é glorificá-Lo em todos os aspectos, seja isso relacionado à nossa dieta, às roupas que vestimos ou ao nosso entretenimento. Damos glória a Deus ao revelarmos Seu caráter de amor ao mundo por meio de vidas comprometidas em fazer Sua vontade.

Justiça divina

Apocalipse 14:7 continua: “Temei a Deus e dai-Lhe glória, pois é chegada a hora do Seu juízo” (ARA). As questões no grande conflito entre o bem e o mal serão finalmente resolvidas. O Universo vai ver que Deus é amoroso, justo e compassivo. O juízo revela que Ele fez tudo o que podia para salvar cada ser humano. Isso contrasta o caráter amoroso de Deus com a ambição egoísta de Satanás.

O verso 7 é um comentário divino sobre Daniel 7:13, 14, 26 e 27. Diante de um mundo que espera e um Universo que observa, o Senhor demonstra no juízo celestial que Ele fez absolutamente tudo o que era possível para salvar toda a humanidade. O julgamento ocorre a favor do Seu povo (v. 22). Sua graça é suficiente para que ninguém se perca. Aqueles que se perdem não estão condenados por causa de um ato divino arbitrário. O destino deles é resultado de suas escolhas rebeldes. Eles rejeitaram a graça e o amor divinos. O julgamento revela a todo o Universo as incansáveis, contínuas e sinceras tentativas de Deus para salvar a todos.

O juízo corrigirá todos os erros. A justiça triunfará sobre o mal, derrotando os poderes do inferno. A injustiça não terá a última palavra; Deus, sim!

Criação

Deus não pode ser surpreendido. Por séculos, Satanás planejou atacar o ensino bíblico da Criação. Apocalipse 14:7 termina com um apelo: “Adorai Aquele que

fez o céu, e a terra, e o mar, e as fontes das águas” (ARA). Trata-se de um chamado para adorar o Criador em uma época na qual a maior parte do mundo científico e grande parte do mundo religioso aceita o evolucionismo de Darwin.

A criação fala do nosso valor aos olhos de Deus. Não estamos sozinhos no Universo nem somos um acidente genético. Em vez disso, fomos criados. A criação está no centro de toda adoração verdadeira. O sábado fala do cuidado do Criador e do amor do Redentor. O santo dia de descanso indica que Deus nos criou para um propósito magnífico e nos amou demais para nos abandonar quando nos afastamos desse objetivo.

Semanalmente, o sábado nos lembra Daquele que providenciou todas as coisas boas para nós. Em vez de uma exigência legalista arbitrária, ele revela que o verdadeiro descanso da justiça pelas obras é encontrado apenas em Deus.

O sábado é o elo eterno entre a perfeição do Éden no passado e a glória dos novos céus e da nova Terra no futuro.

Confusão religiosa

O que dizer sobre as mensagens do segundo e terceiro anjo? Qual é o significado das expressões “Caiu, caiu a grande Babilônia” e “marca da besta”? Em essência, ambas falam da arrogância egocêntrica e do orgulho humano, em vez do amor abnegado que vem de Deus.

Babilônia representava as orgulhosas conquistas da humanidade. Era um símbolo das obras humanas, não da graça divina; das tradições humanas em vez dos mandamentos do Senhor. No Apocalipse, a Babilônia espiritual representa os ensinamentos confusos de todos os grupos religiosos. Ela minimiza e marginaliza a autoridade das Escrituras, substituindo-a pela autoridade humana.

Em seu âmago, a marca da besta exalta o humano acima do divino. Elevando a palavra da humanidade acima da Palavra de Deus, ela substitui os mandamentos

divinos por decretos humanos. Vemos isso especialmente na mudança do sábado bíblico para um dia escolhido pela igreja. A marca da besta se torna um símbolo de lealdade à união Igreja-Estado, em contraste com o sábado, que é um sinal de lealdade ao Criador do Universo.

A mensagem de Deus nos últimos dias chega ao clímax em Apocalipse 14:12, quando João, em visão profética, descreve um grupo de fiéis do tempo do fim que “guardam os mandamentos de Deus e a fé em Jesus” (Ap 14:12).

Salvos pela graça, o coração deles está cheio da fé em Jesus. Essa fé os motiva e transforma. Isso os liberta da culpa do passado, livra-os da escravidão do pecado no presente e enche o coração de esperança quanto ao futuro. Eles não podem fazer nada por si mesmos; mas, por meio do poder de Cristo, podem ser fiéis, servir e obedecer-Lhe para sempre.

Povo de Deus no tempo do fim

Os fiéis do tempo do fim passarão pelo maior tempo de angústia da história do mundo. Contudo, por meio da graça e do poder de Jesus, eles sairão vitoriosos. As três mensagens angélicas serão proclamadas em cada metrópole, cidade, vila e bairro. Dezenas de milhares de pessoas aceitarão a mensagem de Deus dos últimos dias. O Senhor terminará Sua obra na Terra. Cada pessoa tomará sua decisão final e irrevogável em favor de Cristo ou contra Ele, e Jesus virá com poder e glória para levar Seu povo para casa. **M**

Referências

¹ CBC News, “First Draft of Darwin’s Origin of Species Goes Online”. Disponível em <link.cpb.com.br/1d0580>.

² Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2021), p. 11 [22].

MARK FINLEY

assistente da presidência da sede mundial da Igreja Adventista do Sétimo Dia



The background of the cover features three angels with large, feathered wings, appearing to be in a state of flight or proclamation. They are set against a bright, golden, ethereal light that fills the upper two-thirds of the image. Below this light, there are dark, swirling clouds. At the very bottom, a blue, draped fabric, possibly representing a shroud or a banner, is visible. The overall composition is dramatic and spiritual.

TRÊS ANJOS, UM EVANGELHO

Uma interpretação cristológica de Apocalipse 14:6 a 12

Ángel Manuel Rodríguez

O que você prega todas as semanas? A resposta deve ser óbvia: O evangelho da salvação pela fé na morte sacrificial de Cristo. Sua obra salvadora deve colorir e determinar o conteúdo de qualquer sermão. Um pregador adventista não tem outra opção porque no próprio cerne do verso bíblico que resume nossa missão e mensagem está o evangelho, ou seja, Apocalipse 14:6 a 12: as três mensagens angélicas. Neste artigo, sugiro uma interpretação cristológica da passagem.¹

Primeira mensagem angélica

Os três anjos “representam aqueles que recebem a verdade e com poder abrem o evangelho diante do mundo”.² O fundamento exegético para essa afirmação encontra-se em Apocalipse 14:6 a 12. O primeiro anjo proclama o evangelho eterno à raça humana no fim do conflito cósmico (v. 6). A passagem termina com a bênção do Espírito Santo sobre aqueles que mantêm juntos a lei de Deus e o evangelho da salvação pela fé na obra salvadora de Cristo (v. 12). O segundo anjo proclama a ruína do falso evangelho da Babilônia (v. 8), e no centro da terceira mensagem está uma referência maravilhosa ao Cordeiro de Deus (v. 10).

O anjo não descreve o conteúdo do evangelho, mas o chama de “evangelho eterno” (v. 6). Não há outro evangelho eterno senão aquele que anuncia ao mundo que a salvação vem por intermédio de Jesus Cristo (Mt 24:14). Esse evangelho é apresentado em Apocalipse 1:5, quando João se refere a Jesus como Aquele que “nos ama e, pelo Seu sangue, nos libertou dos nossos pecados”.

O amor de Deus foi visivelmente manifestado na morte sacrificial de Cristo. Essa linguagem soteriológica é transmitida ao longo do livro usando a imagem do Cordeiro que foi morto. Os seres celestiais proclamam que o Cordeiro é digno de adoração porque Ele foi morto, e com o sangue Dele comprou para Deus os que procedem de toda tribo, língua, povo e nação (Ap 5:9). É Cristo como o Cordeiro que foi exaltado

ao trono de Deus (Ap 22:3), que, como Guerreiro, derrotou o inimigo por meio de Sua morte sacrificial (Ap 17:14) e compartilha essa vitória com Seu povo (Ap 12:11). A figura do Cordeiro é uma expressão do amor sacrificial de Deus, por meio do qual somos redimidos.

As três mensagens estão integradas em uma mensagem, o evangelho eterno, que é poderoso o suficiente para nos salvar e encerrar o conflito cósmico.

A proclamação do evangelho é seguida por um chamado aos habitantes da Terra para temer a Deus (Ap 14:7). O conceito de temor a Deus pressupõe que o Senhor é um Ser transcendental e imponente, que se manifesta à humanidade envolto em luz radiante e impenetrável e faz a terra tremer (Êx 19:16, 18, 19). Este Ser majestoso oferece aos seres humanos, em um ato de amor, o privilégio de se tornar Deus deles (Dt 4:20; 5:26, 27; 7:6). Aqueles que reconhecem Nele um Deus amoroso demonstram isso submetendo-se a Ele e à Sua vontade. O primeiro anjo convoca os seres humanos a escolher esse Deus glorioso como seu Deus.

A frase “dar glória a Deus” é usada na Bíblia para expressar a disposição dos pecadores em reconhecer que eles são culpados e que Deus é justo ao condená-los (Js 7:19; 1Sm 6:5; Jo 9:24; cf. Sl 51:4). Às vezes, é uma expressão de contrição e arrependimento que reconhece a justiça de Deus (Jr 13:16; Ap 11:13). O anjo convida todos, com base na obra divina de redenção, a se arrepender e admitir que o Senhor é amoroso e justo.

O chamado é urgente porque a hora do juízo chegou e está em andamento. Na Bíblia, o Dia da Expição era um tipo do dia do julgamento. Em Apocalipse 11:19, João é levado em visão ao lugar santíssimo do santuário celestial, em antecipação ao dia antitípico da expiação. Em Apocalipse 14:7, somos informados de que o momento profético, ou “hora”, do dia antitípico da expiação chegou. Deve-se escolher a Deus e arrepender-se (cf. Dn 8:14).

O chamado angélico convida os pecadores a adorar o Criador (Ap 14:7), ecoando a linguagem do mandamento do sábado, o sinal e selo do poder santificador de Deus. O sétimo dia nos lembra Daquele que nos criou e que, por intermédio do Cordeiro, nos redimiu. Adoração é um ponto-chave no conflito cósmico, e os seres humanos são encorajados a adorar a Deus e não ao querubim caído e seus aliados (Ap 14:9). No momento em que o Criador e o sábado foram rejeitados ou ignorados, Deus insiste que todos devem se curvar diante da Fonte de vida.

Segunda mensagem angélica

O segundo anjo anuncia a queda de Babilônia, um símbolo da independência e da busca pela autopreservação por meio das realizações humanas (Gn 11). As descrições das intenções do querubim caído e do rei da antiga Babilônia coincidem: ambos queriam ocupar o lugar de Deus na Terra (Is 14:3-23). Contudo, o reino literal de Babilônia ruiu. No tempo do fim, o dragão criará uma Babilônia mística por intermédio da qual tentará ocupar o lugar de Deus e receber a adoração que Lhe é devida. Babilônia é constituída por uma falsa trindade: a besta do mar (Ap 13:1), o cristianismo apostatado da Idade Média; a besta da terra (v. 11), o protestantismo apostatado, representado pelos Estados Unidos; e o dragão, a obra de Satanás por meio do espiritualismo.

Babilônia é a tentativa do dragão de unificar o cristianismo apóstata por meio de eventos milagrosos que visam legitimar sua afirmação de ser de origem divina. Ela oferece ao mundo seu evangelho corrompido, chamado de “vinho” (Ap 14:8). Jesus deu vinho a Seus discípulos como símbolo de Sua morte sacrificial (Mt 26:27, 28). No tempo do fim, Babilônia oferece à humanidade seu próprio vinho, um meio de salvação por meio da submissão ao querubim caído. Nestes últimos dias, o dragão mudará de muitas maneiras o mapa religioso, político, filosófico e econômico por meio da realização de milagres que vão persuadir

muitos de que ele é, de fato, Deus. Devemos antecipar mudanças radicais no mundo, cuja magnitude é difícil de imaginar.

A Babilônia mística ainda está se revelando. Os três espíritos demoníacos que saem da boca do dragão, da besta e do falso profeta vão ao mundo a fim de uni-lo para a batalha do dia do Senhor (Ap 16:13, 14). Enquanto isso, as três mensagens angélicas são proclamadas com o objetivo de preparar o mundo para a vinda de Cristo. Como resultado dos dois movimentos, o mundo será polarizado entre aqueles que serão fiéis ao Cordeiro e ao dragão. No entanto, a vitória do Cordeiro, o verdadeiro evangelho, está assegurada, e Babilônia cairá para não mais se levantar (Ap 16:19; 17:14; 19:20).

Terceira mensagem angélica

A mensagem do terceiro anjo é o último apelo de Deus aos habitantes da Terra para que escolham o lado do Cordeiro no conflito cósmico. É uma questão de lealdade e compromisso final. Enquanto o dragão anuncia que aqueles que não o adorarem e rejeitarem o nome e a marca da besta serão eliminados (Ap 13:15-17), o terceiro anjo alerta que os seguidores do dragão enfrentarão a ira divina no juízo final (Ap 14:9-11).

A lealdade ao dragão e seus aliados exige o recebimento do nome e da marca da besta. Os ímpios se identificarão com o caráter e as aspirações da falsa trindade. A lealdade se expressa em ações que manifestam a natureza do objeto de lealdade. Apropriar-se do nome e da marca da besta significa que eles pertencem ao dragão e supostamente serão protegidos por ele. Ao se submeter à autoridade da falsa trindade, a vontade de Deus se torna irrelevante para os ímpios.

A marca da besta é a falsificação do selo de Deus, o sábado. O domingo se torna o símbolo da autoridade do dragão sobre aqueles que o seguem, sua autoridade para mudar a lei de Deus, e isso facilita a sua adoração. Adoramos o Criador no sábado do sétimo dia e, no fim do conflito cósmico,

os ímpios adorarão a criatura por meio de sua obediência ao domingo.

O terceiro anjo anuncia que aqueles que são leais ao dragão experimentarão a ira de Deus (Ap 6:16, 17). Em seguida, o anjo passa a explicar como é a ira divina, usando a linguagem do vinho, fogo e enxofre. De acordo com o anjo, a ira de Deus é como o vinho que não foi misturado com água, mas cujo poder intoxicante foi aumentado pela adição de certas especiarias. O ponto da metáfora é que a ira escatológica do Senhor não será misturada com misericórdia, ou seja, não haverá espaço para arrependimento. Os ímpios cairão e não se levantarão novamente.

A segunda metáfora é tirada da experiência de uma pessoa que foi diretamente exposta ao enxofre. A ira de Deus é comparada à intensa dor que uma pessoa sente quando o enxofre em chamas cai sobre sua pele. É extremamente doloroso! Há um segundo ponto nessa metáfora, a saber, que o que é queimado perece para sempre. A ira de Deus resultará na morte eterna dos ímpios.

A intensidade do sofrimento dos ímpios no juízo final é descrita como um tormento, uma dor sobre a qual a pessoa não tem controle e que experimentará durante um período de tempo não especificado (Ap 14:11). Essa experiência ocorre “diante dos santos anjos e na presença do Cordeiro”. Os estudiosos sugerem diferentes maneiras de interpretar essa frase, ignorando a óbvia. A imagem é tirada da vinda de Cristo com Seus anjos na parousia. É a linguagem de uma cristofania usada para indicar que Jesus aparecerá aos ímpios durante o julgamento final. Eles estarão diante do Cordeiro que foi morto! Olharão para a cruz de Jesus, rejeitada por eles, mas onde o amor magnífico de Deus foi revelado ao Universo.

Essa é a melhor e única evidência que Deus apresenta ao tribunal cósmico para demonstrar que o anjo caído estava errado, e que Ele é inquestionavelmente um Deus amoroso e justo. Na presença do Cordeiro, os ímpios se veem como realmente

são, miseráveis pecadores com um profundo sentimento de culpa, percebendo que estarão eternamente separados do Pai. A compreensão dessa separação eterna é realmente muito dolorosa, um tormento. Na cruz, Jesus experimentou a dor lancinante da separação de Deus para que mais ninguém tivesse que passar por isso. No entanto, os ímpios desconsideraram o sangue do Cordeiro que foi morto e serão atormentados pelo amor que escolheram ignorar. Paradoxalmente, o amor de Deus, constituindo a alegria dos mundos não caídos e despertando a mais profunda gratidão no coração dos redimidos, é um tormento para os ímpios, Satanás e seus anjos.

O conflito cósmico termina pacificamente com o reconhecimento universal e a declaração de que o Senhor é um Deus de amor. O poder persuasivo do sacrifício do Cordeiro derrota as forças do mal. João antecipou esse momento quando escreveu: “Então ouvi que toda criatura que há no Céu e sobre a Terra, debaixo da terra e sobre o mar, e tudo o que neles há, estava dizendo: ‘Aquele que está sentado no trono e ao Cordeiro sejam o louvor, a honra, a glória e o domínio para todo o sempre’” (Ap 5:13).

As três mensagens angélicas estão incorporadas em uma mensagem, o evangelho eterno, que é poderoso o suficiente para nos salvar e encerrar o conflito cósmico. Talvez seja bom perguntar novamente: o que você vai levar ao púlpito na próxima semana? Pregue o Cordeiro! **TM**

Referências

¹ Este artigo é um resumo de “The Closing of the Cosmic Conflict: Role of the Three Angels’ Messages”, a ser publicado em Artur Stele (ed.), *The Word: Searching, Living, Teaching*, v. 2 (2021).

² Ellen G. White, *A Verdade Sobre os Anjos* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2005), p. 246.

ÁNGEL MANUEL RODRÍGUEZ

ex-diretor do Instituto de Pesquisa Bíblica da Igreja Adventista do Sétimo Dia



Sola Scriptura

Princípio bíblico ou justificativa protestante?

Cristhian Alvarez Zaldúa

O fator predominante que marcou a ruptura entre a Igreja Católica e a Reforma Protestante no século 16 foi a doutrina do *sola Scriptura*. O Concílio de Trento (1546) reagiu contra esse princípio, declarando que a verdade divina está “contida nos livros escritos e nas tradições não escritas”¹ que foram preservados dentro da Igreja Católica. Essa posição não mudou. A igreja romana continua ensinando que possui “o depósito sagrado” (cf. 1Tm 6:20; 2Tm 1:12-14) da fé (*depositum fidei*) contido na Sagrada Tradição e nas Escrituras Sagradas;² portanto, ambos “devem ser recebidos e respeitados com o mesmo espírito de

devoção”.³ Da perspectiva católica, *sola Scriptura* não é um ensino bíblico, mas um argumento criado pelos reformadores protestantes para negar a autoridade da igreja. A *Enciclopédia Católica* pergunta: “Onde está escrito na Bíblia que ela é a única fonte de fé?”⁴

O assunto é de interesse para todo adventista, visto que todas as denominações que aceitam o *sola Scriptura* se consideram a mais consistente com esse princípio.

O que é *sola Scriptura*?

Defender o *sola Scriptura* significa afirmar que, fora da Bíblia, não há outra autoridade infalível de fé e prática para os

cristãos, e que tudo o que ela contém é suficiente para a salvação. Essa ideia não está completa até que seja contrastada com aquilo que ela não é:

1. Não significa que a Bíblia possua tudo o que Deus disse ou fez. As Escrituras afirmam que há coisas que ela não contém, visto que sua finalidade é salvífica (Jo 21:25), não enciclopédica.

2. Não significa negar a razão (Mt 22:37; Mc 12:30; Lc 10:27), mas ela deve estar sujeita à autoridade das Escrituras (1Co 2:1-6; 2Co 10:5).⁵

3. Não significa que a Bíblia possa ser interpretada descuidadamente, gerando conclusões absurdas (2Pe 1:19-21; 3:15, 16).



Uma interpretação adequada é regida por “princípios de uma hermenêutica saudável”.⁶

4. Não exclui a autoridade da igreja ao ensinar a verdade bíblica (1Tm 3:15), mas a própria igreja deve estar sujeita à Palavra de Deus (2Tm 3:15–4:15). Ou seja, a igreja “tem um papel ministerial de defender as Escrituras, mas não tem um papel ministerial sobre as Escrituras”.⁷

5. Não significa negar a utilidade das tradições adequadas, mas sustenta que as Escrituras estão acima de qualquer uma delas, pois é a norma pela qual todo costume religioso deve ser julgado.

Sola Scriptura se encontra na Bíblia?

Não há nenhuma declaração na Bíblia que expresse o conceito de *sola Scriptura*, mas isso não significa que ele não esteja lá. O caso se assemelha à Trindade; embora a palavra não seja bíblica, a doutrina é. No caso do *sola Scriptura*, o conceito surge do estudo da natureza da Bíblia, ao refletir como homens piedosos se relacionavam com ela, o lugar único que eles lhe deram em um nível pessoal e seu papel frente às ideias e costumes religiosos de seu tempo.

Durante o processo de formação das Escrituras, os profetas receberam a mensagem divina e a transmitiram oralmente; mas, para que fosse preservada, o Senhor ordenou que ela fosse escrita (Êx 17:14; 34:27; Nm 33:2; Dt 31:19; Jr 30:2). Por essa razão, desde os dias de Moisés, as Escrituras eram consideradas autoritativas (Êx 24:3, 7). A Palavra escrita foi usada como *norma de obediência* pelo rei (Dt 17:18, 19; Js 1:8; 23:6a) e pelo povo (Dt 30:10); como *padrão de conduta* (Js 1:7; Dt 17:20; 23:6b); e para distinguir entre *a verdade e o erro* (Is 8:20). Israel sempre foi lembrado de que a obediência às Escrituras traria bênçãos (Dt 30:9, 10; 1Rs 2:3), mas sua desobediência resultaria em maldição (Dt 27:26; 28:58-61).

No Novo Testamento (NT), quando o cânon do Antigo Testamento (AT) já estava formado,⁸ pode-se observar que tanto

Jesus quanto Seus discípulos usaram as Escrituras como autoridade final para elucidar todas as controvérsias religiosas (Mt 4:4, 7, 10; 19:3-6; 22:41-46; Mc 12:35-40; Lc 10:25, 26; 20:39-44; 24:25-27, 44-46). Seguindo o exemplo de Jesus, os apóstolos continuamente citavam as Escrituras para pregar, apoiar seus argumentos e desenvolver sua teologia (At 1:15-17; 17:2, 3; 18:24, 28; Rm 1:2, 17; 16:25, 26; 2:24; 3:4, 9-18; 4:17; 2Tm 3:15-17).

O conceito católico de tradição

De acordo com o *Catecismo da Igreja Católica*, Cristo ordenou aos apóstolos que pregassem o evangelho, e para que “este evangelho se mantenha sempre vivo e íntegro na igreja, os apóstolos nomearam os bispos como sucessores, ‘deixando-lhes a sua posição no magistério’ (DV 7)”.⁹ Assim, era esperado que a “pregação apostólica” fosse “preservada por transmissão contínua até o fim dos tempos (DV 8)”.¹⁰ Essa “transmissão viva realizada no Espírito Santo é chamada de Tradição, na medida que é distinta das Escrituras Sagradas, embora intimamente ligada a elas. Por ela, ‘a igreja com seu ensino, sua vida e seu culto conserva e transmite a todos os tempos o que é e o que crê’ (DV 8)”.¹¹ A *Enciclopédia Católica* afirma que o magistério vivo da igreja é aquele que toma “os meios de transmissão” da tradição (escritos dos padres gregos e latinos, concílios, monumentos, entre outros) e busca neles “a expressão exata do pensamento vivo da igreja”.¹²

Segundo a Igreja Católica, a tradição está no mesmo nível das Escrituras porque o NT assim o ensina: “Eu os elogio porque em tudo vocês se lembram de mim e retêm as tradições assim como eu as transmiti a vocês” (1Co 11:2); “Assim, pois, irmãos, fiquem firmes e guardem as tradições que lhes foram ensinadas, seja por palavra, seja por carta nossa” (2Ts 2:15). O argumento é que nessas passagens Paulo pediu aos cristãos que retivessem as verdades comunicadas pela “tradição”,

e não apenas pelas Escrituras. De acordo com o catolicismo, isso acaba com o *sola Scriptura*.

É indiscutível que, nos primeiros anos da igreja, o evangelho era transmitido oralmente (1Co 15:3), então os apóstolos ou seus colaboradores o colocavam por escrito e o enviavam às diferentes igrejas (Cl 4:16; 1Ts 5:27). Essa mensagem escrita foi inspirada pelo Espírito Santo (Jo 16:13; 1Co 7:40; 2Tm 1:14), autorizada (Gl 1:11, 12; Ef 3:4, 5; 1Pe 1:12; 2Pe 3:15, 16) e estava em harmonia com a mensagem oral que havia sido transmitida (2Ts 2:15). Por esse motivo, esses escritos apostólicos advertiam contra a aceitação de mensagens espúrias ou o aparecimento de falsos mestres com uma doutrina diferente da que tinham ouvido (At 20:28-30; Tt 1:10, 11; 2Tm 2:17; 4:1-4; 2Pe 2:1-22; 2Jo 1:1-7). Pedro chamou esses falsos ensinamentos de “heresias destruidoras” (2Pe 2:1). Paulo também admoestou os romanos: “Irmãos, peço que notem bem aqueles que provocam divisões e escândalos, em desacordo com a doutrina que vocês aprenderam. Afastem-se deles” (Rm 16:17). Quando escreveu aos gálatas, chegou a colocar sob anátema qualquer um que pregasse um “evangelho diferente” daquele que ele lhes havia pregado (Gl 1:8, 9). Para o apóstolo, havia perfeita harmonia entre sua mensagem oral e a escrita, e ninguém poderia mudar, nem eles nem “mesmo um anjo vindo do Céu”.

Portanto, pode-se dizer que, no primeiro século, as Escrituras e a tradição apostólica eram iguais. Quando Paulo pediu aos crentes que permanecessem nas “tradições”, nada mais era do que permanecer nos ensinamentos ou “instruções” que ele lhes deu durante suas estadas evangelísticas, ensinamentos que mais tarde foram colocados por escrito nos documentos do NT. Por sua vez, a tradição católica é muito diferente, pois não apenas consiste em um conjunto diverso, variado e às vezes conflitante de práticas e ensinamentos reunidos ao longo dos séculos, mas continuamente

contradiz as Escrituras. Portanto, a suposta base bíblica para a teoria da tradição católica simplesmente não existe.

Problemas com a tradição católica

Há uma semelhança notável entre o conceito de revelação sustentado pelos fariseus nos dias de Cristo e a doutrina católica da tradição.¹³ O farisaísmo afirmava a existência de uma lei escrita e uma oral, procedentes do Sinai, das quais eram considerados porta-vozes.¹⁴ O NT chama essa tradição oral de “tradição dos anciãos” (Mt 15:2) ou “tradições dos meus pais” (Gl 1:14). O mais interessante, porém, é observar que Cristo, embora respeitasse certos ensinamentos dos fariseus (Mt 23:1-3), nunca se submeteu às tradições que iam contra a Palavra de Deus, mas antes as condenou como “preceitos humanos” (Mt 15:9).

Para Cristo e Seus discípulos, a lavagem ritual das mãos não tinha base bíblica, por isso eles não a praticavam.¹⁵ A atitude de Jesus gerou críticas por parte dos fariseus (Mt 15:1, 2; Mc 7:1, 2, 5). Naquela ocasião, Cristo mostrou-lhes que, por causa da tradição, estavam invalidando “o mandamento de Deus” (Mt 15:3-6), e lembrou-lhes que a adoração que coloca as ideias humanas acima das Escrituras não tem valor diante do Céu (Mt 15:7-9; Mc 7:6-9).

Além dos indicadores apresentados, a tradição contém outras limitações. O NT exemplifica como uma ideia compartilhada por meio da tradição oral pode ser deturpada. João 21:21 a 23 apresenta uma interpretação inadequada das palavras de Cristo que se espalhou entre os discípulos pela tradição oral – a ideia de que João não morreria – até que, como afirmam Geisler e MacKenzie, o próprio João “contestou essa falsa tradição em seu registro escrito autorizado”.¹⁶

A evidência mais clara de que a tradição oral não é confiável está no fato de que ela se contradiz. Um exemplo é o tema do milênio. Alguns pais como Papias de Hierápolis, Irineu, Justino Mártir, Melitão de Sardes e Tertuliano acreditavam que Cristo voltaria e reinaria mil anos desde Jerusalém.

Contudo um dos principais oponentes a essa ideia foi Orígenes, que ensinou que o milênio era alegórico. Até 396, Agostinho aceitava o milenismo, mas depois ensinou que o milênio é todo o período da igreja.¹⁷

Outro exemplo é a veneração de imagens. Pais como Orígenes, Lactâncio, Epifânio e Agostinho se opuseram às imagens no culto. O Concílio de Elvira (em algum momento entre 300 e 324) em seu cânon 36 também proíbe essa prática.¹⁸ Eusébio de Cesareia, quando soube que alguns recém-convertidos haviam feito imagens, inclusive de Cristo, atribuiu isso ao “uso pagão que prevalecia entre eles”.¹⁹ Posteriormente, Gregório III privilegiou as imagens sem nenhum tipo de restrição.²⁰ Por fim, o Concílio de Niceia II, em 787, permitiu a veneração das imagens e ameaçou excomungar os que se opusessem a essa prática.²¹ Não há consenso nem uniformidade no que o catolicismo chama de tradição, porém o mais sério é que muitas vezes contradiz as Escrituras.

Conclusão

Sola Scriptura não é uma invenção do século 16, mas um princípio que está na Bíblia. Por outro lado, não há fundamento bíblico para o conceito católico de tradição. Mesmo assim, é impossível para a Igreja Romana abandoná-lo, porque “se renunciasse à tradição, todo o sistema entraria em colapso, pois grande parte de sua doutrina e prática não tem outro fundamento”.²²

No contexto do grande conflito, os adventistas devem ter em mente as seguintes palavras de Ellen White: “No entanto, Deus terá na Terra um povo que se fundamentará na Bíblia, e apenas na Bíblia, como norma de todas as doutrinas e base de todas as reformas. [...] Antes de aceitar qualquer doutrina ou preceito, devemos conferir se há um categórico ‘assim diz o Senhor’”.²³ **M**

Referências

¹ H. J. Schroeder, *The Canons and Decrees of the Council of Trent* (Rockford, IL: Tan Books, 1978), p. 17.

² *Catecismo de la Iglesia Católica* (Santo Domingo: Librería Juan Pablo II, 1992), p. 29, 31.

³ *Catecismo de la Iglesia Católica*, p. 30.

⁴ “Tradition and Living Magisterium”, *Catholic Encyclopedia*. Disponível em <link.cpb.com.br/41d5da>, acesso em 20/2/2019.

⁵ John T. Baldwin, “Fé, Razão e o Espírito Santo na Hermenêutica”, em George W. Reid, *Compreendendo as Escrituras* (Engenheiro Coelho, SP: Unaspress, 2007), p. 15-26.

⁶ José M. Martínez, *Hermenêutica Bíblica* (Barcelona: Clie, 1984), p. 23.

⁷ Norman R. Gullett, *Systematic Theology: Prolegomena* (Berrien Spring, MI: Andrews University Press, 2003), p. 321.

⁸ Gleason L. Archer, *Reseña Crítica de una Introducción al Antiguo Testamento* (Grand Rapids, MI: Editorial Portavoz, 1987), p. 75-86.

⁹ *Catecismo de la Iglesia Católica*, p. 29.

¹⁰ *Catecismo de la Iglesia Católica*, p. 29.

¹¹ *Catecismo de la Iglesia Católica*, p. 29, 30.

¹² “Tradition and Living Magisterium”, *Catholic Encyclopedia*.

¹³ Daniel Carro, José Tomás Poe e Rubén O. Zorzoli (eds.), *Comentario Bíblico Mundo Hispano: Gálatas, Efesios, Filipenses, Colosenses y Filemón* (El Paso, TX: Editorial Mundo Hispano, 2001), v. 21, p. 210.

¹⁴ Alfonso Roper, Alfonso Triviño e Silvia Martínez (eds.), “Tradición”, em *Diccionario Enciclopédico Bíblico Ilustrado* (Barcelona: Clie, 2016), p. 1557.

¹⁵ Darrel L. Bock, *Marcos: Comentario Bíblico con Aplicación NVI* (Miami, FL: Editorial Vida, 2014), p. 323.

¹⁶ Norman L. Geisler e Ralph E. MacKenzie, *Roman Catholics and Evangelicals: Agreements and Differences* (Grand Rapids, MI: Baker Books, 1995), p. 195.

¹⁷ Agostinho, *Ciudad de Dios*, XX.

¹⁸ José Vives, *Concilios Visigóticos e Hispano-romanos* (Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Instituto Enrique Flórez, 1963), p. 8.

¹⁹ Eusébio, *História Eclesiástica*, VII, 18, 4.

²⁰ María Magdalena Ziegler Delgado, “Oh, Las Imágenes! El Conflicto Iconoclasta Bizantino”, *Revista de la SEECI*, XIII, n. 18 (2009), p. 53.

²¹ Alfonso Hernández Rodríguez, “Iconoclasmo e Iconodulia entre Oriente y Occidente (siglos VIII-IX)”, *Byzantion Nea Hellás* 30 (2011), p. 77, 78.

²² Rodríguez, “Iconoclasmo e Iconodulia”, p. 77, 78.

²³ Ellen G. White, *O Grande Conflito* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2021), p. 495 [596].

CRISTHIAN ALVAREZ ZALDUA

professor de Teologia na Universidade Adventista da Bolívia





LADO A LADO

A participação de homens e mulheres na liderança da igreja local

Jiří Moskala

Precisamos ver o quadro geral da revelação de Deus, a unidade das Escrituras e a intenção final do conteúdo bíblico como um todo (uma abordagem canônica), a fim de discernir corretamente o significado da mensagem divina. A trajetória da humanidade, construída com base na metanarrativa bíblica a partir da Criação, Queda e Recriação, apresenta para os adventistas do sétimo dia o padrão fundamental. Não vamos além do texto bíblico; tudo está firmemente enraizado nele. Nossa hermenêutica é elaborada considerando a compreensão do grande conflito.¹ Em relação à posição de Adão e Eva antes da Queda, a Bíblia os apresenta como sacerdotes em posição de responsabilidade sobre toda a humanidade.²

Essa postura hermenêutica, que traça suas raízes desde a Criação, é consistente, por exemplo, com a posição adventista relacionada à homossexualidade como estilo de vida. O relato bíblico da Criação apresenta o raciocínio que fundamenta a desaprovação à prática da homossexualidade. Esse pensamento está enraizado

na legislação da Criação, é universal, atemporal e nunca mudou (Gn 1:26-28; 2:24; Lv 18:22; 20:13; Rm 1:26, 27). Assim, é consistente com a trajetória bíblica construída no padrão desde a Criação, passando pela Queda e indo até a Recriação.³

Relendo a Bíblia com novo olhar

Não estamos lendo no texto algo que não esteja lá nem impondo à Bíblia um padrão externo de interpretação. A verdade sempre esteve presente; mas pode não ter sido reconhecida, ou talvez tenha sido esquecida. Assim, queremos reconhecer a verdade profunda que as Escrituras trazem, com o objetivo de redescobri-las e reaplicá-las. Ao fazer isso, entendemos que a intenção do texto está em harmonia com a metanarrativa bíblica e o caráter divino. Refletimos sobre a revelação de Deus da perspectiva da primeira vinda de Cristo, da revelação que resplandece da cruz, da perspectiva do plano de salvação e do padrão Criação-Queda-Recriação. Esse é um paradigma adventista consistente!

1. Homem e mulher foram igualmente criados à imagem de Deus. “Assim Deus criou o ser humano [*ha'adam*] à Sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou” (Gn 1:27). Observe cuidadosamente que ambos, homem e mulher, foram criados, individualmente e juntos, à imagem de Deus. O que os torna diferentes é sua sexualidade e, com ela, seu papel particular (como paternidade e maternidade). Ser mulher não é ser subordinada aos homens, imperfeita, errada ou até mesmo má!

2. Adão e Eva eram sacerdotes no Jardim do Éden. “O Senhor Deus tomou o homem e o colocou no jardim do Éden para o cultivar e o guardar [*le'abdah uleshomrah*]” (Gn 2:15). O Jardim do Éden era um santuário, e Adão e Eva eram sacerdotes nesse jardim. No Éden, o trabalho atribuído ao homem era, em realidade, “servir” (*'abad*, servir) e “guardar” (*shamar*) o jardim (2:15), termos usados para descrever a atividade dos sacerdotes e levitas no santuário (Nm 3:7, 8; 18:3-7). A ideia de que o Jardim do Éden era um santuário é aceita por acadêmicos adventistas e não adventistas.⁴

3. Parceria e igualdade. “Não é bom que o homem esteja só; farei para ele uma auxiliadora [*ezer kenegdo*, 'ajudadora', 'correspondente a ele'] que seja semelhante a ele” (Gn 2:18). Eles são diferentes, mas iguais. Contribuem um com o outro, são parceiros.

4. Pertencimento mútuo. “Esta, afinal, é osso dos meus ossos e carne da minha carne; será chamada varoa, porque do varão foi tirada” (Gn 2:23). Essa é uma declaração poética de surpresa e apreço da parte de Adão por receber um presente especial de Deus: uma linda esposa. Adão usou uma fórmula de reconhecimento, de pertencimento mútuo. Eles formam uma unidade; não é uma fórmula de nomeação. A palavra *shem* não ocorre em Gênesis 2:23

como está presente em Gênesis 2:19 e 3:20. Adão deu nome a Eva somente depois do pecado (Gn 3:20).

5. Extensão dos resultados do pecado. “E à mulher Ele disse: Aumentarei em muito os seus sofrimentos na gravidez; com dor você dará à luz filhos. O seu desejo [anseio por amor, apoio, segurança, afeto e cuidado] será para o seu marido, e ele a governará’ (Gn 3:16). Como entender o versículo? Ele não prescreve ao marido que subjugue e governe a esposa (a palavra hebraica é *mashal* e focaliza, em última instância, a liderança do servo). O termo usado aqui é diferente das palavras empregadas em Gênesis 1:28 (*kabash* e *radah*).

A punição divina não prescreve que os humanos sejam passivos e não tentem ajudar. Essas complicações vêm como resultado e consequência do pecado, portanto, esse julgamento sobre a dor de ter um bebê, dar à luz e criar filhos não deve nos impedir de fazer todo o possível para aliviar a dor das mulheres.

Da mesma forma, o verso descreve as dificuldades no relacionamento entre marido e mulher e nos obriga a superá-las pela graça divina e por meio da conversão verdadeira (Ef 5:21-33; 1Pe 3:1-7). Isso é impossível sem a ajuda de Deus. Assim, tanto o marido quanto a esposa (e o Senhor não está falando do relacionamento entre homens e mulheres no geral) precisam dedicar a vida a Deus e viver em um relacionamento pessoal com Ele para que haja harmonia, submissão e amor mútuos no casamento. Verdadeiramente, um belo casamento só é possível para pessoas convertidas.

Ellen White explicou: “Eva foi a primeira a transgredir e caiu em tentação afastando-se de seu companheiro, contrariamente à instrução divina. Foi atendendo ao seu pedido que Adão pecou, e então foi posta em sujeição ao seu marido. Se a raça decaída tivesse cultivado os princípios ordenados na lei de Deus, essa sentença, embora

proveniente dos resultados do pecado, teria sido uma bênção para o gênero humano. Entretanto, o abuso da supremacia assim dada ao homem tem frequentemente tornado muito sofrida a vida da mulher, transformando-a em um peso para ela.”¹⁵

“Ao criar Eva, Deus pretendia que ela não fosse inferior nem superior ao homem, mas em todas as coisas lhe fosse igual. O santo casal não devia ter nenhum interesse independente um do outro e, no entanto, cada um possuía individualidade de pensamento e de ação. Depois do pecado de Eva, porém, tendo ela sido a primeira na transgressão, o Senhor lhe disse que Adão teria domínio sobre ela. Devia ser sujeita ao seu marido, o que constituía parte da maldição. Em muitos casos, essa maldição tem tornado o destino da mulher extremamente doloroso, fazendo de sua vida um fardo. O homem tem abusado em muitos aspectos da superioridade que Deus lhe deu, exercendo poder arbitrário. A sabedoria infinita idealizou o plano da redenção, pelo qual a humanidade tem um segundo tempo de graça mediante outra prova.”¹⁶

6. Homem e mulher eram sacerdotes, mesmo depois do pecado. “O Senhor Deus fez roupas [*kotnot*] de peles [*'or*], com as quais vestiu [*labash*] Adão e sua mulher” (Gn 3:21). Deus vestiu [*labash*] Adão e sua esposa com “casacos” [*ketonet*]. Esses são os termos usados para descrever as roupas de Arão e seus filhos (Lv 8:7, 13; Nm 20:28; cf. Êx 28:4; 29:5; 40:14).

7. Tanto homens quanto mulheres formam o reino de sacerdotes. “Agora, pois, se ouvirem atentamente a Minha voz e guardarem a Minha aliança, vocês serão a Minha propriedade peculiar dentre todos os povos. Porque toda a Terra é Minha, e vocês serão para Mim um reino de sacerdotes e uma nação santa. São estas as palavras que você falará aos filhos de Israel” (Êx 19:5, 6). Por causa da infidelidade de Israel, um plano alternativo foi dado: somente

uma família de uma tribo de Israel seria “um reino de sacerdotes”. No entanto, no Novo Testamento, Pedro aplicou Êxodo 19:5 e 6 ao sacerdócio de todos os crentes (1Pe 2:9).

8. Mulheres em posições de liderança no Antigo Testamento. Veja, por exemplo, Miriã (Êx 15:20, 21), Débora (Jz 4-5), Hulda (2Rs 22:13, 14; 2Cr 34:22-28), Ester, entre outros exemplos (Êx 38:8; 1Sm 2:22; 2Sm 14:2-20; 20:14-22).

9. Uma grande quantidade de pregadoras. “O Senhor deu a palavra, e grande é o exército das mensageiras das boas-novas” (Sl 68:11).

10. A promessa do derramamento do Espírito Santo a todos os crentes no tempo do fim, incluindo as mulheres. “E acontecerá, depois disso, que derramarei o Meu Espírito sobre toda a humanidade. Os filhos e as filhas de vocês profetizarão, os seus velhos sonharão, e os seus jovens terão visões. Até sobre os servos e sobre as servas derramarei o Meu Espírito naqueles dias” (Jl 2:28, 29).

11. A prática da igreja do Novo Testamento. Veja, por exemplo, Febe, uma diaconisa (Rm 16:1), e as mulheres que exerciam liderança na igreja de Filipos (Fp 4:2, 3). Priscila era mestra reconhecida pela igreja (At 18; Rm 16:3). A “senhora eleita” mencionada por João (2Jo 1) provavelmente fosse uma líder da igreja.

12. A igualdade defendida por Paulo. “Pois todos vocês são filhos de Deus mediante a fé em Cristo Jesus; porque todos vocês que foram batizados em Cristo de Cristo se revestiram. Assim sendo, não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher; porque todos vocês são um em Cristo Jesus. E, se vocês são de Cristo, são também descendentes de Abraão e herdeiros segundo a promessa” (Gl 3:26-29).

Essa não é apenas uma declaração sobre o acesso igualitário à salvação entre vários grupos (ver Gl 2:11-15; Ef 2:14, 15). Nesse texto, Paulo falou sobre igualdade de maneira geral. Ele se concentrou especialmente em três relacionamentos de seus dias que estavam distantes do plano divino original, conforme Gênesis 1: (1) Judeu e gentio; (2) senhor e escravo; e (3) homem e mulher. No que diz respeito ao relacionamento homem e mulher, ao usar o termo grego *arsēnthēlys* (“homem-mulher”) em vez de *anēr-gynē* (“marido-mulher”), Paulo estabeleceu uma ligação com Gênesis 1:27 (a LXX emprega o termo *arsēnthēlys*), e assim mostra como o evangelho nos leva de volta ao ideal divino, que não tem lugar para a subordinação geral das mulheres aos homens.

13. A concessão de dons na igreja cristã. O Espírito de Deus dá gratuitamente dons espirituais, inclusive às mulheres (Jl 2; 1Co 12:11). Se o Senhor concede Seus dons espirituais às mulheres, quem somos nós para impedir? A obra de Deus só tem a ganhar se mulheres consagradas trabalhem em posições de liderança em Sua vinha.

Conclusão

Embora a Bíblia não declare especificamente que devemos ordenar mulheres como anciãs em congregações locais, não há obstáculo teológico para fazer isso. Ao contrário, a análise bíblico-teológica aponta nessa direção, porque o Espírito de Deus derruba todas as barreiras entre os diferentes grupos de pessoas na igreja e dá gratuitamente Seus dons espirituais a todos, inclusive às mulheres, a fim de cumprir a missão.

Enquanto nos aproximamos do fim da história do mundo, Deus chama Seu remanescente para se voltar à Criação (Ap 14:7) e restabelecer os ideais de Seu plano original de igualdade entre homens e mulheres. O movimento adventista deve ser um exemplo de adoração genuína e relacionamento

humano verdadeiro. Mesmo que homens e mulheres sejam biologicamente diferentes e, portanto, tenham funções fisiológicas diferentes, o papel espiritual para ambos os sexos é o mesmo.

Precisamos voltar ao ideal da Criação, apesar do problema do pecado, porque a graça transformadora de Deus é mais poderosa do que o mal e pode transformar o antigo sistema em algo novo na igreja, sendo assim um modelo do mundo por vir. Da Criação à Recriação! Esse é o padrão bíblico expresso no nome adventistas do sétimo dia! **TM**

Referências

¹ Ver os cinco volumes da série Conflito, de Ellen G. White

² Richard Davidson, “Should Women Be Ordained as Pastors? Old Testament Considerations”, artigo apresentado ao General Conference Theology of Ordination Study Committee, 22 a 24 de julho de 2013, p. 1-88.

³ Ver, por exemplo, Richard M. Davidson, “Homosexuality in the Old Testament”, em Roy Gane, Nicholas Miller e H. Peter Swanson (orgs.), *Homosexuality, Marriage, and the Church: Biblical, Counseling, and Religious Liberty Issues* (Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 2012), p. 5-52.

⁴ Ver Richard M. Davidson, *Song for the Sanctuary* (Silver Spring, MD: SDA Biblical Research Institute, a ser publicado); Margaret Barker, *The Gate of Heaven: The History and Symbolism of the Temple in Jerusalem* (Londres: SPCK, 1991), p. 68-103; G. K. Beale, *The Temple and the Church's Mission: A Biblical Theology of the Dwelling Place of God* (NSBT 17; Downers Grove, IL: InterVarsity, 2004), p. 66-80; Donald W. Parry, “Garden of Eden: Prototype Sanctuary”, em Donald W. Parry (org.) *Temples of the Ancient World: Ritual and Symbolism* (Salt Lake City, UT: Deseret, 1994), p. 126-151; Terje Stordalen, “Echoes of Eden: Genesis 2-3 and Symbolism of the Eden Garden in Biblical Hebrew Literature” (CBET 25; Leuven, Bélgica: Peeters, 2000), p. 111-138; Gordon J. Wenham, “Sanctuary Symbolism in the Garden of Eden Story”, *Proceedings of the World Congress of Jewish Studies* 9 (1986), p. 19-25.

⁵ Ellen G. White, *Patriarcas e Profetas* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2021), p. 34, 35 [58, 59].

⁶ Ellen G. White, *Testemunhos Para a Igreja* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2021), v. 3, p. 402 [484].

JÍŘÍ MOSKALA

diretor do Seminário Teológico Adventista da Universidade Andrews, Estados Unidos



MINISTÉRIO DA RESTAURAÇÃO

Como estabelecer um projeto contínuo
de resgate dos afastados

Abdoval Cavalcanti

Num dia de sábado, após ter pregado em uma igreja pela manhã, uma senhora de meia-idade, com semblante abatido, me cumprimentou e colocou um bilhete em meu bolso. Curioso para saber do que se tratava, li o bilhete logo em seguida: era o pedido de oração de uma mãe desesperada que rogava por seus dois filhos afastados da igreja. Mas essa não foi a única vez que uma mãe pediu oração em favor de filhos que estavam longe de Deus. Esse problema é comum em muitas famílias adventistas e chama atenção de muitos membros da igreja, bem como de sua liderança.

Das três parábolas contadas por Jesus em Lucas 15, a do filho pródigo é a maior. A primeira tem cinco versos, a segunda tem três, e a terceira, 21 versos. Cerca de dois terços do capítulo são dedicados à parábola do filho pródigo. Nela, ao falar de pessoas que se afastam de Deus, Cristo usou uma história muito familiar com elementos da cultura judaica para ilustrar a atitude de Deus em relação àqueles que se arrependem. Isso nos faz pensar na importância que Jesus deu àqueles que estão afastados dos caminhos do Senhor.

Uma prova de que todos são igualmente importantes diante de Deus é a maneira de Jesus terminar as três parábolas de Lucas 15. Nas duas primeiras, Ele mencionou que “haverá júbilo no Céu” pelo pecador que se arrepende e, na terceira, afirmou que deve haver alegria e regozijo entre os irmãos por receber de volta o irmão que estava perdido.

Nas parábolas da ovelha e da dracma, o júbilo no Céu era certo, por ser Deus o maior interessado nesses grupos. Na parábola do filho pródigo, porém, Jesus denunciou a indiferença das pessoas ao tomar o exemplo do irmão mais velho, que ficou inconformado com a chegada do mais moço.¹

Nessa parábola, o pai afirmou: “Era preciso que nos regozijássemos e nos alegrássemos” (v. 32). Lamentavelmente, isso poderá não acontecer em muitas de nossas igrejas.

Jesus sabia que os afastados, em algum momento, seriam negligenciados. Por isso, Ele se antecipou ao narrar essa parábola que fala dos que se afastam da igreja. Veja que a apostasia estava presente até mesmo nas parábolas de Jesus. Não é de admirar que isso tenha acontecido. Na verdade, o Senhor pretendia mostrar a necessidade de se preocupar com aqueles que deixaram vazio seu lugar na igreja.

De fato, trata-se de uma parábola, mas se fosse uma história verídica, como você imagina que tenham sido os dias do pai naquela fazenda? Com certeza, diariamente ele visitava o quarto vazio do filho e chorava por causa de sua ausência. Imagine o coração desse pai que não tinha notícias do filho!

Certamente, esforços têm sido feitos em favor da salvação dos que se afastam, mas, talvez, isso não seja o bastante para atender a necessidade. Fazer um único programa por ano não é suficiente para alcançar o grande número de pessoas afastadas. É necessário que seja feito um trabalho intensivo durante o ano todo para resgatar mais pessoas e fortalecer a cultura evangelística em favor dos afastados.

Boa parte das pessoas que voltam faz isso por iniciativa própria, guiadas pelo Espírito Santo. No entanto, se houvesse maior empenho e auxílio humanos em buscar essas pessoas, elas voltariam à igreja em um número maior. E a recepção daqueles que voltam deve ser motivo de festa e muita celebração. O Senhor espera que “nos regozijemos e nos alegremos” por aqueles que estão de volta à casa do Pai.

Evangelismo de resgate

Mas por quê precisamos desenvolver um trabalho contínuo de resgate de pessoas afastadas?

Porque perdemos durante o ano todo. Esse é um problema que a igreja

não conseguiu resolver nem conseguirá. Aconteceu no Céu; entre os discípulos de Jesus e entre os apóstolos. A apostasia é uma realidade resultante do pecado e será extinta quando a porta da graça for fechada.

Porque evangelizamos e disciplinamos o ano todo. Se é assim, então, por que não incluir em nosso planejamento o evangelismo de resgate? É importante trabalhar de forma integral, pois, na medida em que ganhamos pessoas novas e dedicamos tempo ao discipulado, também devemos investir esforços em favor dos afastados. Se estratégias para alcançar aqueles que nunca pertenceram a igreja e discipulado são feitas durante o ano inteiro, também deveríamos realizar evangelismos de resgate o ano todo. Por mais eficiente que seja o programa de discipulado de uma igreja, sempre teremos pessoas para resgatar.

Porque aqueles que saíram são importantes. Nas parábolas da ovelha e da moeda perdida, Jesus mencionou o esforço de alguém empenhado em achar um único item. E o mais interessante é a aplicação que Ele faz, ao dizer que há alegria no Céu quando um único pecador se arrepende!

Porque é mais rápido o trabalho com afastados. Visto que uma pessoa que se afastou da igreja já conhece as doutrinas, não se faz necessário estudar todas as lições bíblicas novamente, mas apenas algumas direcionadas à sua necessidade. É provável que não necessite mais do que cinco ou seis lições. Os temas devem ser objetivos e proporcionar oportunidade para reflexão.

Porque os afastados esperam ser procurados. Quando alguém está fora da igreja, pode até voltar sozinho sem que seja procurado, mas o retorno será muito mais fácil se tiver o auxílio de alguém.

Estratégias de trabalho

Para que o evangelismo de resgate ocorra o ano todo, é necessário implementar algumas estratégias efetivas de trabalho.

Estabeleça o GER (Grupo Especial de Revisão). A igreja deve estabelecer uma comissão para tratar dos assuntos relacionados aos afastados. Essa comissão não deve existir somente para atualizar o rol de membros, mas para planejar trabalho e desenvolver estratégias que ampliem e fortaleçam o evangelismo de resgate. Uma sugestão é que esse grupo se reúna no início de cada trimestre.

Inicie um movimento de oração. Deve-se orar intencionalmente em favor dos afastados. Isso ajudará os membros da igreja a entender a importância dessa iniciativa. Mobilize outros ministérios para ajudar na promoção do movimento de oração.

Reúna materiais apropriados. É importante selecionar livros, filmes, folhetos e cartões compatíveis com as necessidades das pessoas afastadas.

Instrua a liderança. A participação da liderança da igreja na comissão de planejamento é fundamental. Esse tema é de fácil adesão. Afinal, o evangelismo de resgate é bíblico, e a maioria dos membros conhece ou tem alguém na família que está fora da igreja.

Capacite a igreja. Faça seminários sobre o assunto para mostrar a importância de se fazer evangelismo de resgate ao longo do ano. Enquanto houver pessoas afastadas deve haver esforços da igreja a fim de trazê-las de volta.

Faça o Domingo do Reencontro. Adote em sua igreja o Domingo do Reencontro. É preferível que seja o último domingo do trimestre. Nesse dia, recepção, músicas, vídeos, sermão, dramatização e brindes devem ocorrer em função dos afastados.

Ofereça uma série de estudos. Os afastados que comparecerem devem ser convidados a participar de uma série de estudos. Por exemplo, estudar em pequeno grupo fará muito bem se o encontro for planejado e bem conduzido.

Envie cartas em nome da igreja. Isso fará com que a pessoa afastada se sinta valorizada e será uma grande oportunidade de aproximação.

Faça surpresas. Ao longo do trimestre, com o auxílio do Ministério Jovem e do Ministério da Mulher, planeje alguma surpresa, como uma serenata ou visita. O objetivo é fazer com que a pessoa afastada sinta saudade do tempo em que estava na igreja.

Não condicione a realização do projeto aos batismos. Esse cuidado é imprescindível e deve ser levado em conta. Nem sempre haverá batismo em todos os trimestres, pois os interessados ainda estarão dentro do processo de resgate. A ideia é que cada um decida a seu tempo. Tenha a certeza de que os resultados aparecerão. Isso é inevitável. É bom lembrar que os interessados receberão atenção conforme o ciclo se repetir.

Em um esforço de se trabalhar o evangelismo de resgate durante o ano inteiro, usando ciclos trimestrais, procuramos desenvolver um modelo de trabalho simples. Deve-se usar a estrutura já existente para não sobrecarregar a igreja com mais eventos. Qualquer igreja que desejar trabalhar usando esse modelo poderá fazer todas as adaptações e ajustes necessários para se adequar às particularidades de cada região e da igreja local.

Conclusão

Nas igrejas em que esse modelo de trabalho foi adotado, o número de pessoas que retornaram aumentou. Isso também ajudou a fortalecer a atmosfera de aceitação entre os membros da igreja. Membros ativos que tinham familiares afastados se sentiram apoiados pela igreja em esforços para trabalhar juntos em favor da salvação dessas pessoas.

Geralmente, aqueles que abandonam a igreja sentem vergonha por ter deixado o convívio dos irmãos. Na parábola, a atitude do filho pródigo não foi diferente. Em Lucas 15:18 e 19, o jovem expressou seu sentimento ao afirmar: “Vou me arrumar, voltar para o meu pai, e lhe dizer: Pai, pequei contra Deus e diante do senhor; já não sou digno de ser chamado

de seu filho; trate-me como um dos seus trabalhadores”. Essa razão nos faz pensar na importância de seguirmos o exemplo do pai quando, de longe, avistou o filho. “Compadecido dele, correndo, o abraçou e beijou” (v. 20).

Diferentemente das demais parábolas contadas por Jesus em Lucas 15, o pai não foi buscar o ente perdido como fez o pastor e a mulher, porque animais e moedas não possuem livre arbítrio.² Isso, porém, não significa que ele não estivesse interessado no retorno do filho, tanto que, ao vê-lo ao longe, correu avidamente ao seu encontro. Embora essa parábola seja chamada de “parábola do filho pródigo”, poderíamos chamá-la de “a parábola do pai amoroso”, pois sua ênfase não está na pecaminosidade do filho, mas na benevolência do pai.³

Se o rapaz tivesse se demorado em sua situação, teria entrado em desespero. A bondade do pai lhe deu esperança.⁴ À semelhança do pai, a igreja deve agir com amor e ternura. Esse “pai ilustra a atitude do Pai celestial para com os pecadores que se arrependem: Ele é rico em misericórdia e graça em amor”.⁵ Com isso, as igrejas devem se dedicar mais à evangelização em favor dos que se distanciaram. É importante que elas corram ao encontro daqueles que por algum motivo deixaram vazios seus lugares. **TM**

Referências

- ¹ Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2012), p. 349.
- ² *Bíblia de Estudo Viva* (São Paulo; Editora Vida, 1998), p. 1621.
- ³ Warren W. Wiersbe, *Comentário Bíblico Expositivo: Novo Testamento* (Santo André, SP: Editora Geográfica, 2006), v. 1, p. 305.
- ⁴ Wiersbe, *Comentário Bíblico Expositivo*, p. 306.
- ⁵ Wiersbe, p. 306.

**ABDOVAL
CAVALCANTI**

secretário ministerial da
União Noroeste Brasileira



EXORCISMO

Algumas pessoas têm dúvida em relação à existência do ministério ou dom do exorcismo na Bíblia. Para compreender melhor o tema, tratarei da questão mais ampla da expulsão de demônios, que faz parte do trabalho ministerial de alguns de nossos pastores em diferentes partes do mundo. Em geral, um dos desafios que os adventistas enfrentam é abordá-lo biblicamente, sem permitir que as práticas de outros cristãos determinem como os demônios devem ser expulsos.

1

Terminologia

A palavra “exorcismo” vem do substantivo grego *exorkistēs* e identifica uma pessoa que expulsa espíritos malignos. A forma verbal, *exorkizō*, significa “colocar alguém sob juramento”, “conjurar” (Mt 26:63). Com o tempo, a expressão passou a indicar a ideia de compelir alguém a fazer algo, invocando um poder sobrenatural (“exorcizar”). No Novo Testamento, o verbo não é usado para se referir a exorcismo, e o substantivo é aplicado somente uma vez a exorcistas judeus (At 19:13). O Novo Testamento usa o verbo “expulsar” (*ekballō*) demônios em vez de “exorcizar”. Isso pode estar relacionado com o fato de que o exorcismo era associado à magia, à realização de certos rituais e ao uso de fórmulas religiosas específicas. Não é isso que encontramos no Novo Testamento.

2

Possessão demoníaca

Nas Escrituras, a possessão demoníaca é uma realidade levada muito a sério. Pessoas possuídas são descritas com as

seguintes características: comportamento agressivo (Mt 8:28); atitudes autodestrutivas (Mt 17:15); e incapacidade de falar (Mt 9:32), ouvir (Mc 9:25) ou ver (Mt 12:22). Em geral, a possessão demoníaca é distinta das doenças (por exemplo, Mt 4:24; Mc 1:32). Um dos aspectos mais controversos da possessão demoníaca é que é difícil distingui-la da epilepsia e de outras doenças físicas ou mentais. Isso implica que a possessão demoníaca tem um impacto na mente e no corpo semelhante a essas condições. Contudo, geralmente é acompanhada por elementos de clarividência, fenômenos sobrenaturais e até levitação de objetos. Visto que em muitos casos seria difícil distingui-la de uma doença natural, sempre que possível devemos consultar médicos e outras pessoas qualificadas.

3

Abordagem bíblica


A expulsão de demônios era comum no ministério de Jesus, mas Ele não ensinou aos discípulos um procedimento específico. Cristo simplesmente expulsou os espíritos malignos pelo poder de Sua palavra, sem a realização de nenhum ritual ou o uso de fórmulas tradicionais (Mt 8:16). Ele ordenava que fossem embora, e eles obedeciam (Lc 9:49, 50; 10:17). Não houve ações longas e demoradas, nenhum grito específico nem envolvimento físico de Jesus com a pessoa possuída. De fato, Cristo nunca tocou um endemoninhado; e somente uma vez dialogou com ele (Mc 5:7-10). Ele simplesmente exercia autoridade sobre os poderes do mal, e eles não podiam resistir-Lhe.

Jesus compartilhou com Seus discípulos essa mesma autoridade (Mt 10:8;

Mc 3:15; Lc 9:1). A maneira pela qual eles provavelmente expulsassem demônios é ilustrada no livro de Atos. Os apóstolos invocavam o nome de Jesus para libertar as pessoas dos espíritos malignos. A fórmula é simples: “Em nome de Jesus Cristo, eu ordeno que você saia dela” (At 16:18). Foi Cristo quem libertou a pessoa; o apóstolo O chamou para que interviesse. Não houve luta prolongada com o demônio nem diálogo com ele. O poder de Cristo foi eficaz por meio da palavra dos discípulos.

4

Exorcismo e dons espirituais

No Novo Testamento, o exorcismo não é listado entre os dons espirituais. Ninguém foi chamado por Jesus para estabelecer um ministério de exorcismo. Ele deu aos Seus discípulos poder e autoridade sobre os demônios, mas nenhuma vez sugeriu que esse seria seu papel principal. A responsabilidade deles era a proclamação do reino de Deus, as boas-novas da salvação. Cristo disse: “Pelo caminho, preguem que está próximo o Reino dos Céus. Curem enfermos, ressuscitem mortos, purifiquem leprosos, expulsem demônios” (Mt 10:7, 8). A proclamação do reino de Deus é a missão de cada cristão. Quando, no cumprimento dessa missão, confrontamos os endemoninhados, recebemos o poder de Cristo para enfrentá-los. Contudo, nosso chamado principal é proclamar o evangelho da redenção por intermédio de Jesus. 

ÁNGEL MANUEL RODRÍGUEZ

ex-diretor do Instituto de Pesquisa Bíblica da Igreja Adventista do Sétimo Dia



A VITÓRIA DO UNGIDO

O relato de Davi e Golias visto
sob um olhar cristocêntrico

Clacir Virmes Junior



A história de Davi e Golias, conforme narrada em 1 Samuel 17, é uma das mais conhecidas dentro e fora do cristianismo. Qualquer disputa com lados opostos desproporcionais, em qualquer âmbito, é rotulada como uma “luta de Davi e Golias”. Na igreja, até mesmo as crianças conhecem a narrativa, especialmente quando cantam ou escutam a música “Rapaz Davi”. Praticamente todos os cristãos, independentemente da denominação, já ouviram pelo menos um sermão sobre o duelo no vale de Elá.

No entanto, muitas das lições que alguns sermões e mensagens tiram desses versos falham em revelar a real intenção do relato desde a perspectiva do próprio texto e também da teologia bíblica. Graeme Goldsworthy escreveu: “Teologia bíblica é nada mais nada menos do que permitir que a Bíblia fale como um todo: como a única Palavra do único Deus sobre o único caminho de salvação.”¹ Neste artigo, apresento algumas interpretações populares da história de 1 Samuel 17; o contexto teológico que aponta para uma direção diferente dessas interpretações; e finalmente, proponho uma interpretação cristocêntrica do relato com base na tipologia bíblica.

Interpretações populares

De quem esse texto está falando? A quem ele se aplica? Será que ele está falando sobre nós e nossos problemas? Essa tem sido a interpretação mais comum. Normalmente, as pessoas são levadas a se identificarem com Davi, e Golias representa os problemas da vida, como falta de emprego, problemas matrimoniais, desavenças ou perseguição religiosa.

Alguns pregadores dizem: “Assim como Davi, que foi fiel a Deus

e confiou Nele, venceu o gigante Golias, você também vencerá todos os ‘gigantes’ da sua vida”. Parece familiar? O principal problema com esse tipo de explicação é que, além de desviar o foco, põe os holofotes sobre o ser humano.

O que são as cinco pedrinhas recolhidas por Davi (1Sm 17:40)? Em meados dos anos 2000, o vídeo de uma pregadora mirim brasileira viralizou, ao ela identificar as pedras recolhidas com o texto de Isaías 9:6: “Maravilhoso, Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade e Príncipe da Paz”.²

Temos que dar crédito à pequena pregadora por tentar ligar a história de Davi e Golias com a pessoa de Cristo, mas a ligação entre os dois textos está completamente equivocada. Há muitas outras “aplicações” desse pequeno detalhe da história. Resta, então, a pergunta: É aqui que reside o centro da narrativa?

E a armadura de Saul (1Sm 17:38, 39)? Em um exercício que beira a autoajuda, alguns interpretam esse trecho da narrativa dizendo que a pessoa precisa lutar com suas próprias forças, não com as habilidades nem com os recursos de outro. “Cada um precisa encontrar seu lugar ao sol – claro, com a ajuda de Deus, como Davi – mas sem se escorar em outras pessoas”, apregoam alguns, até bem-intencionados, mas forçando o texto bíblico.

Essas interpretações apresentam três grandes problemas: Primeiro, elas se concentram em detalhes do relato e não em sua ideia principal. De fato, os pormenores de uma narrativa ajudam a criar o cenário e a dar pistas sobre a intenção do autor, mas não são o foco da história. Segundo, essas leituras tendem a exaltar o ser humano em lugar de Deus, mesmo que a linguagem seja religiosa e até piedosa. Finalmente, elas torcem o conteúdo bíblico em vez de permitir que o relato, dentro do seu contexto canônico, sirva de bússola e controle para uma correta interpretação do texto.

Interpretação teológica

Gostaria de sugerir a interpretação de alguns pontos da história a partir da perspectiva da Bíblia. Isso pode nos ajudar a discernir um significado mais exegético e biblicamente fundamentado dessa história para os cristãos em nossos dias.

Em primeiro lugar, os filisteus são inimigos do povo de Deus, especialmente por causa da sua idolatria. Eles representam as forças que se opõem ao Senhor. De fato, “Golias serve como um arquétipo do povo filisteu e como tal é um símbolo da inimizade estrangeira contra o povo de Deus e seu representante, Davi”.³

Antes do embate entre Davi e Golias, em pelo menos duas outras histórias os filisteus são retratados como inimigos de Israel no contexto de sua idolatria e culto a Dagon. A primeira está em Juízes 13 a 16, na saga de Sansão contra os filisteus. A segunda é o relato do rapto da arca da aliança, em 1 Samuel 4 e 5. Nessas narrativas, o pano de fundo é o culto a Dagon e a ideia de seu antagonismo contra o Deus de Israel. Mais tarde, Paulo explicou que, na verdade, o culto idólatra é um culto oferecido aos demônios (1Co 10:20).

É importante lembrar como as batalhas entre os exércitos era interpretada no Antigo Oriente Médio. Era comum a ideia de que os deuses lutavam ao lado das hostes que os cultuavam. Em relatos egípcios, há exemplos nos quais a divindade inicia uma guerra e depois batalha com o monarca como seu aliado. As guerras eram interpretadas como acontecendo entre os próprios deuses, ou eram travadas tendo os exércitos como representantes das divindades.⁴ Assim, a batalha entre as hostes israelita e filisteia, no seu contexto histórico, era interpretada de maneira teológica, com implicações religiosas.

O segundo ponto é o fato de Saul e o exército de Israel falharem em confiar no Senhor (1Sm 17:11). Deus já havia previsto que Israel enfrentaria nações mais fortes

do que ela. Por isso, Ele fez a seguinte promessa: “Quando vocês saírem para fazer guerra aos seus inimigos e virem cavalos, carros de guerra e um povo maior em número do que vocês, não tenham medo deles; pois o Senhor, seu Deus, que os tirou da terra do Egito, está com vocês. [...] Que o coração de vocês não desfaleça. Não tenham medo, não tremam, nem fiquem apavorados diante deles, porque o Senhor, o Deus de vocês, é quem os acompanha e vai lutar por vocês contra os seus inimigos, para que vocês sejam salvos” (Dt 20:1-4).

Por fim, um detalhe importante da narrativa é a imagem de Golias. Para todos os efeitos, ele é invencível (1Sm 17:4-7). O autor bíblico se demorou ao descrevê-lo. Ele é um soldado experiente, bem armado e protegido. Davi vai enfrentá-lo sem armadura, algo completamente insano. Da perspectiva humana, a vitória de Davi seria impossível. Nesse contexto, as palavras de Davi são esclarecedoras: “O Senhor me livrou das garras do leão e das garras do urso; Ele me livrará das mãos desse filisteu” (1Sm 17:37). De idêntica maneira, a Bíblia descreve o inimigo como alguém além de qualquer capacidade humana (Ef 6:11, 12).

Esses três fatores assinalam o propósito teológico da passagem. Culturalmente, o texto está atrelado ao Antigo Oriente Médio e teologicamente contextualizado ao Antigo e Novo Testamentos. Se queremos apresentar uma mensagem bíblica centrada em Deus e não no ser humano e suas ideias, o significado da passagem deve levar em conta essas duas realidades.

Interpretação cristocêntrica

Para a correta interpretação da história, é crucial o contexto mais amplo de 1 Samuel 17. Davi não é apenas um jovem pastor de ovelhas, o filho mais novo de Jessé. Ele é o ungido do Senhor, colocado pelo próprio Deus no lugar de Saul (1Sm 16). Nesse sentido, Davi se tornou uma prefiguração de Cristo (Mt 1:1; 9:27). Essa interpretação se apoia no contexto cultural do Antigo Testamento e na tipologia bíblica.

Na Antiguidade, era comum a prática de batalhas individuais em nome de exércitos inteiros. Há indícios de que culturas próximas a Israel, como os hititas e os egípcios, conheciam essa estratégia. O objetivo dessa prática era evitar grande derramamento de sangue, o que seria ruim para qualquer lado que saísse vencedor.⁵

Tipologicamente, Davi representa o Messias. Textos como Jeremias 23:5, Ezequiel 34:23 e 37:24, Oseias 3:5, entre outros, já prometiam a vinda de um futuro Davi que se assentaria novamente no trono de Israel. Os autores do Novo Testamento tomaram esse tema, desenvolvido especialmente no livro de Salmos, e o aplicaram a Cristo em vários momentos (Jo 2:17; At 4:25; Rm 15:3; Hb 10:5-9).⁶

Portanto, juntando todos os pontos vistos até aqui, a história de Davi e Golias é uma miniatura tipológica do grande conflito. Ela aponta para a guerra cósmica que seria travada na cruz. De um lado está um exército que não tem a mínima chance contra o inimigo. Do outro está Satanás e suas hostes demoníacas que podem facilmente derrotar o povo de Deus. Mas Jesus, o Ungido, Se coloca entre os dois e triunfa, porque Seu povo não pode vencer sem Sua ajuda. Enquanto Davi corta a cabeça de Golias, Cristo fere de uma vez por todas a cabeça da serpente (Gn 3:15; Ap 12:7-9).

Conclusão

É interessante que nas tentativas populares de interpretação de 1 Samuel 17, todos querem se identificar com Davi ou ser, de alguma forma, comparados a ele. Contudo, se tivermos que fazer algum tipo de aplicação como essa, nós somos muito mais o exército medroso, acovardado e impotente de Israel do que o corajoso filho de Jessé.

Onde está a grande lição da história? Davi afirmou: “Hoje mesmo o Senhor entregará você nas minhas mãos. Eu o matarei, cortarei a sua cabeça e hoje mesmo darei os cadáveres do arraial dos filisteus às aves dos céus e às feras da terra. E toda a terra saberá que há Deus em Israel.

Toda esta multidão saberá que o *Senhor salva*, não com espada, nem com lança. Porque do Senhor é a guerra, e Ele entregará todos vocês nas nossas mãos” (1Sm 17:46, 47).

Três aspectos devem ser enfatizados. Primeiro, devemos estudar a Bíblia para conhecer a Deus, não a nós mesmos. A vida eterna está em conhecê-Lo (Jo 17:3). O próprio Jesus disse que as Escrituras dão testemunho Dele, não de nós (Jo 5:39).

Segundo, tenhamos a certeza da vitória sobre o mal em razão do que Jesus fez e não por causa dos nossos esforços (Rm 5:6-8). No contexto da batalha final que logo será travada, nossa maior necessidade é estar ao lado do Vencedor (Ap 17:14). Fixemos, pois, dia a dia, os olhos em Cristo.

Por fim, a Bíblia é clara: é o Senhor Jesus que salva, por isso Ele é digno de adoração e louvor (Ap 5:5, 6-10). Nossa resposta à tão grande salvação, com base em Sua vontade para nós, deve ser uma vida que honre e enalteça somente o Seu nome. Confiemos na vitória que Ele já obteve na cruz, e que somente Ele seja o centro da nossa vida.

Referências

¹ Graeme Goldsworthy, *Pregando Toda a Bíblia como Escritura Cristã: A Aplicação da Teologia Bíblica à Pregação Expositiva* (São José dos Campos, SP: Fiel, 2013), p. 40.

² Disponível em <youtu.be/KC0on_LpoMM>.

³ Leland Ryken et al., *Dictionary of Biblical Imagery* (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2000), p. 643.

⁴ Victor Harold Matthews, Mark W. Chavalas e John H. Walton, *The IVP Bible Background Commentary: Old Testament* (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2000), 1Sm 17:37.

⁵ Harry A. Hoffner, Jr., *1 & 2 Samuel, Evangelical Exegetical Commentary* (Bellingham, WA: Lexham Press, 2015), 1Sm 17:8.

⁶ Richard M. Davidson, “A Natureza [e a Identidade] da Tipologia Bíblica – Questões Cruciais,” *Hermenêutica* 4 (2004): 88, 89, 99.

CLACIR VIRMES JUNIOR

professor de Teologia
na Faculdade Adventista
da Bahia



Novos conteúdos

Artigos
teológicos

Artigos
práticos

Sermões

Documentos
oficiais

Revista
Ministério

Revista do
Ancião

Revistas
teológicas

Recursos
infográficos

Podcast
7cast

E muito mais






PORTAL DO PASTOR E DO ANCIÃO

Este portal renovado oferece ferramentas e recursos úteis para ministérios em várias áreas para facilitar a comunicação dentro da Divisão Sul-Americana. Novas ferramentas modernas e simples serão constantemente adicionadas ao Portal.



Fale conosco
pastor.adventistas.org/pt | pastor.pt@adventistas.org

  @pastoradventista
 @PastorAdv





Inventando a Terra Plana

Jeffrey Burton Russell, Sociedade Criacionista Brasileira, 2020, 144 p.

Em *Inventando a Terra Plana*, o historiador Jeffrey Burton Russell desperta no leitor a curiosidade a respeito do que está por trás de um erro tão crasso como o de afirmar que a ignorância e o obscurantismo medievais foram os responsáveis pelo modelo de uma Terra plana.

O autor inicia com uma discussão sobre o conhecimento geográfico existente na Idade Média, e então passa a analisar como ocorreu a propagação do erro sobre uma Terra plana, partindo das décadas 20 e 30 do século 19 até chegar aos nossos dias.

A farta documentação pesquisada não deixa dúvidas a respeito do contexto em que se deu a “invenção” desse modelo que, gradativamente, a partir da controvérsia provocada pela ascensão do darwinismo, acabou caracterizando a religião como uma força oposta à ciência.



Visões e Ilusões Políticas

David T. Koyzis, Vida Nova, 2021, 400 p.

As ideologias políticas não são uma mera questão de governança. Elas são intrínseca e inescapavelmente religiosas, reúnem várias crenças sobre a natureza da realidade das pessoas e da sociedade e formam uma visão coletiva do que é o bem comum. O problema é que as ideologias políticas são também visões idólatras.

Nesse estudo abrangente e atualizado, o cientista político David Koyzis examina as principais ideologias políticas de nosso tempo: liberalismo, conservadorismo, nacionalismo, democratismo e socialismo. Koyzis faz tanto uma análise filosófica quanto uma crítica honesta de cada ideologia, revelando os problemas de cosmovisão inerentes a cada uma delas, destacando seus pontos fortes e fracos. Além disso, oferece modelos alternativos que são fruto do engajamento histórico de cristãos na arena pública ao longo dos tempos.



Nuevo des-orden mundial, posmodernidad, hipermodernidad y fin de la historia

Juan Carlos Piora, Editorial Universidad Adventista del Plata, 2021, 180 p.

O autor toma como ponto de partida a filosofia da história, mencionando brevemente os sete principais projetos que ocorreram ao longo do tempo para resolver os problemas da humanidade. Como todos falharam, ele propõe a solução encontrada na escatologia bíblica, demonstrando sua coerência interna e seu cumprimento necessário, apoiado nos exatos cumprimentos anteriores.

Por fim, Piora sugere uma ação construtiva do ser humano e oferece uma visão otimista do futuro, como resultado da ação final de Deus na história: uma nova ordem mundial genuína e duradoura, da qual a humanidade, se quiser, poderá ser protagonista.

Being Biblical in a Pluralistic Age

Kevin J. Vanhooser – *Andrews University Seminary Studies*, v. 57, n. 2, p. 305-326
(<https://digitalcommons.andrews.edu/auss/vol57/iss2/4/>)

Uma forma de definir um discípulo é: “um seguidor das palavras de alguém”. Em uma era pluralista, há muitas palavras acenando para os futuros discípulos a modos de vida específicos, todos prometendo algum tipo de bem-estar. Essas palavras são ingredientes de cosmovisões, um programa ou mapa para orientar-se no mundo. Cosmovisões respondem às questões centrais sobre a existência humana, muitas vezes na forma de uma história.

Esse artigo argumenta que o pluralismo contemporâneo é o resultado do abandono da Bíblia como nossa história de controle. Se esse diagnóstico estiver correto, então a melhor maneira para a igreja recuperar uma cosmovisão bíblica é concentrar-se na evangelização do imaginário social, um processo que começa com igrejas locais encarnando o drama da redenção da qual a Bíblia é a escrita sagrada. Ou seja, o discurso e a ação da igreja devem viver de palavras bíblicas que se encarnam no cotidiano das pessoas.



El significado de *karpós* en Romanos 1:13 y la misión paulina

Nicolás Presser e Eric E. Richter – *Theologika*, v. 36, n. 1, 2021, p. 80-97
(<https://doi.org/10.17162/rt.v36i1.1501>)

Determinar o significado do termo *karpós* em Romanos 1:13 fornece uma compreensão melhor do propósito da epístola aos Romanos e das intenções do apóstolo Paulo ao visitar a capital do Império. Esse artigo analisa criticamente a proposta interpretativa de Keith F. Nickle e Michael A. Kruger, segundo a qual *karpós* seria uma referência para a coleta em favor da igreja de Jerusalém. Para isso, estuda-se o significado do termo nas cartas paulinas, bem como as pistas que Paulo fornece sobre o propósito de Romanos e os motivos de sua viagem. Por fim, é apresentada uma breve reflexão sobre as implicações de Romanos 1:13 na compreensão da missão da igreja.



A crítica feminista à teologia cristã

Tiago Dias de Souza – *Teologia em Revista*, v. 1, n. 1, 2021, p. 22-33
(https://teologia.emnuvens.com.br/teologia/issue/view/ed01_ano1/1)

Esse artigo tem como objetivo avaliar alguns aspectos críticos do feminismo à teologia cristã. A pesquisa apresenta como pano de fundo histórico o início do movimento feminista, passando por suas três ondas. Em cada uma delas são apresentadas suas principais proposições e toda sua influência na articulação da teologia feminista. Por meio dessa pesquisa é possível concluir que a crítica feita pelo movimento feminista à teologia cristã é uma crítica que contradiz o próprio *modus operandi* do movimento em si.





CATÁLOGO
DE NATAL

ATÉ 70% OFF



SEMANA DE OFERTAS

O MELHOR PRESENTE É O CONHECIMENTO

DE 22 A 28 DE NOVEMBRO

FRETE GRÁTIS PARA TODO O BRASIL

cpb.com.br • 0800-9790606 | CPB livraria •  (15) 98100-5073

MENSAGEM IMUTÁVEL

A sociedade em que vivemos está em mudança. A era pós-moderna impõe transformações que parecem sobrecarregar tudo em seu caminho. Absolutos são rejeitados, inclusive as Escrituras, para o respeito e apreço daqueles que não aceitam as verdades da Bíblia, buscando sempre ser politicamente corretos.

Como consequência, muitas igrejas cristãs, para serem relevantes na cultura instável que nos rodeia, buscam se adaptar a essas mudanças.

No entanto, a Bíblia rompe com esse esquema, ao afirmar que “Deus não muda” (Mt 3:6); “Jesus Cristo é o mesmo ontem, hoje e para sempre” (Hb 13:8); e o evangelho de Jesus Cristo, as boas-novas de salvação e o meio da justificação pela fé, é um “evangelho eterno” (Ap 14:6). Ele está contido na mensagem dos três anjos de Apocalipse 14:6 a 12. É uma mensagem que, como seu Autor, não muda. Nenhum ser humano tem a prerrogativa de mudar ou declarar que essa mensagem é obsoleta.

Embora essa grande verdade seja conhecida no meio adventista, hoje, mais do que nunca, corremos o risco de cair na tentação de ceder à onda de mudanças imposta pela sociedade e, talvez imperceptivelmente, diluir a poderosa tríplice mensagem angélica.

Em seus dias, Ellen White advertiu: “Não deve haver abrandamento da verdade nem dissimulação da mensagem para este tempo. A mensagem do terceiro anjo deve ser fortalecida e confirmada. O capítulo dezoito do Apocalipse revela a importância de apresentar a verdade, não de maneira acanhada, mas com ousadia e autoridade. [...] Têm havido demasiados rodeios na proclamação da terceira mensagem angélica. Não tem a mensagem sido proclamada com a clareza e nitidez com que deveria tê-lo sido” (*Evangelismo*, p. 230).



WALTER STEGER
editor associado da
Ministério, edição em
espanhol

A tríplice mensagem angélica está no centro da missão e da razão de ser da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

A questão que pode surgir é: Quão relevantes são essas mensagens em nossa era ecumênica pós-moderna? Elas são importantes ou opcionais?

Devemos lembrar que a tríplice mensagem angélica está no centro da missão e da razão de ser da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Mas a própria existência do adventismo está em perigo se esquecermos nossa identidade e subestimarmos a revelação de Deus nas Escrituras a respeito dos enganos do tempo do fim. Entendida corretamente, ou seja, no contexto centrado em Cristo, a tríplice mensagem angélica se constitui nas boas-novas para todos. E é com amor e zelo missionário que devemos sair para proclamar essa mensagem.

Nesse contexto, as seguintes palavras de Ellen White são oportunas: “Em sentido especial foram os adventistas do sétimo dia postos no mundo como vigias e portadores de luz. A eles foi confiada a última mensagem de advertência a um mundo a perecer. Sobre eles incidiu a maravilhosa luz da Palavra de Deus. Foram incumbidos de uma obra da mais solene importância: a proclamação da primeira, segunda e terceira mensagens angélicas. Nenhuma obra há de tão grande importância. Não devem eles permitir que nenhuma outra coisa lhes absorva a atenção” (*Testemunhos Para a Igreja*, v. 9, p. 19).

Não deixemos de proclamar a tríplice mensagem angélica a um mundo que está perecendo. Não vamos parar de pregá-la no púlpito e nas casas. Não vamos parar de ensiná-la quando damos estudos bíblicos e em todas as oportunidades que tivermos. Mas, acima de tudo, não deixemos de vivenciá-la no dia a dia e nos alegrar com a luz que dela emana. **M**

JÁ CONHECE NOSSO CARTÃO PRESENTE?

COMPROU, CARREGOU, PRESENTEOU!



SURPREENDA QUEM VOCÊ AMA



Saiba mais

AMAZONAS MANAUS

SÃO GERALDO

Av. Constantino Nery, 1212
(92) 3304-8288
(92) 98113-0576

BAHIA CACHOEIRA

FADBA

Rod. BR 101, km 197
(75) 3425-8300
(75) 99239-8765

BAHIA SALVADOR

NAZARÉ

Av. Joana Angélica, 1039
(71) 3322-0543
(71) 99407-0017

CEARÁ FORTALEZA

CENTRO

R. Barão do Rio Branco, 1564
(85) 3252-5779
(85) 99911-0304

DISTRITO FEDERAL BRASÍLIA

ASA NORTE

SCN | Qd. 1 | Bl. A | Lj. 9, 17 e 23
Ed. Number One
(61) 3321-2021
(61) 98235-0008

GOIÁS GOIÂNIA

SETOR CENTRAL

Av. Goiás, 766
(62) 3229-3830
(62) 98169-0002

MATO GROSSO DO SUL CAMPO GRANDE

CENTRO

R. Quinze de Novembro, 589
(67) 3321-9463
(67) 98129-0874

MINAS GERAIS BELO HORIZONTE

CENTRO

Rua dos Guajajaras, 860
(31) 3309-0044
(31) 99127-1392

PARÁ BELÉM

MARCO

Tv. Barão do Triunfo, 3588
(91) 3353-6130
(91) 98259-0002

PARANÁ CURITIBA

CENTRO

R. Visc. do Rio Branco, 1335 | Lj. 1
(41) 3323-9023
(41) 99706-0009

PERNAMBUCO RECIFE

SANTO AMARO

R. Gervásio Pires, 631
(81) 3031-9941
(81) 99623-0043

RIO DE JANEIRO RIO DE JANEIRO

TIJUCA

R. Conde de Bonfim, 80 | Lj. A
(21) 3872-7375
(21) 96554-0007

RIO GRANDE DO SUL PORTO ALEGRE

CENTRO

R. Coronel Vicente, 561
(51) 3026-3538
(51) 98163-0007

SÃO PAULO ENGENHEIRO COELHO

UNASP/EC

Estr. Mun. Pastor Walter Boger, S/N
Faz. Lagoa Bonita
(19) 3858-1398
(19) 98165-0008

SÃO PAULO HORTOLÂNDIA

PARQUE ORTOLÂNDIA

R. Pastor Hugo Gegembauer, 656
(19) 3503-1070
(19) 98425-6666

SÃO PAULO SANTO ANDRÉ

CENTRO

Tv. Lourenço Rondonelli, 111
(11) 4438-1818
(11) 94825-0112

SÃO PAULO SÃO PAULO

MOEMA

Av. Juriti, 563
(11) 5051-0010
(11) 95282-4191

SÃO PAULO SÃO PAULO

PRAÇA DA SÉ

Praça da Sé, 28
5º Andar
(11) 3106-2659
(11) 95975-0223

SÃO PAULO SÃO PAULO

VILA MATILDE

R. Gil de Oliveira, 153
(11) 2289-2021
(11) 95288-1009

SÃO PAULO TATUI

LOJA DA FÁBRICA

Rod. SP 127, km 106
(15) 3205-8905

ENCONTRE TAMBÉM PRODUTOS:

Superbem

